

ACENA MUDA

Ano 22.º -- N.º 1116
11 de Agosto de 1942
Preço 1\$200

CINE-ROMANCE DE
SABOTADOR
FILME DE HITCHCOCK
COM PRISCILLA LANE
e ROBERT CUMMINGS



CESAR
Voltará
ao
Cinema?

(PAG. 9)

**A COLABORAÇÃO DOS BRASILEIROS
NOS DESENHOS DE WALT DISNEY**



**Antigamente
era assim...**

Vendo Irene Manning nesses trajes, os saudosistas terão dito: — Deixem lá, era bonito de verdade! — E os de agora: — Horrivel! Grotoscol Mas o que mais ressalta na gravura, para contentar a ambos, é o contraste da "toilette", a 1900, com o "fundo" de Nova-York legitima 42.

MELHOROU MUITO!

COM o deflagrar da guerra, em 39, houve uma séria apreensão pelos destinos da cinematografia. Arte cujos alicerces repousam num motivo de industria e que por um quarto de seculo progrediu ao calor do dolar, com a perda dos mercados europeus devia entrar por força num enfraquecimento imediato. Era logico. Si o cinema custa dinheiro, muito dinheiro, e si o dinheiro participa em menor escala no mealheiro dos studios, então os filmes vindouros seriam pobres, despidos de interesse. Vaticinou-se um "amanhã" tristonho e melancolico para o cinema. Aparentemente, com razão.

Mas só na apparencia. Em vespervas de encetar-se o quarto ano de guerra, conclue-se que ela não fez tanto mal assim ao cinema. Sob algum aspecto, chegou a fazer bem. O cinema vivia ostensivamente, num desperdicio de inconciente. Era divertimento sem intenções, sem objetivos maiores. Ia-se ao cinema para matar o tempo e os produtores não acertavam com as razões exatas que levavam o publico, uma vez por outra, a um movimento de tédio. E' que o cinema andava por demais vasio. Bem pensado, os filmes tinham de ser aqueles mesmos. A gente desconhecia os sofrimentos que agora nos perseguem. Ninguém precisava acautelar-se nem reagir. Queria divertir-se.

Com o advento da guerra, os produtores sentiram a realidade cruel e mudaram de tatica. Os filmes passaram a custar menos. A falta dos mercados europeus fez que a atenção deles se voltasse para o nosso continente. E a guerra, que tanto mal devia provocar ao cinema, acabou dando-lhe a taboa de salvação. Mordida do cão cura-se com o pêlo do proprio cão. Foi o que Hollywood passou a fazer.

Da noite para o dia, começamos a assistir um cinema novo, diferente, mais profundo e humano. Um cinema com sentido espiritual, com equilibrio e bom senso. Em lugar das aparatosas montagens — emoção da mais sincera. Em vez de talco, lantejoulas e capiteis dourados — ideia, realismo, vigor intrinseco de ação.

NOSSA CAPA

A fotografia que hoje estampamos na capa de «A Cena Muda» mostra-nos a mais recente pôse do atual diretor-artístico da Rádio Mayrink Veiga. Cesar Ladeira nasceu em Camplnas, Estado de São Paulo, em 11 de Dezembro de 1910. Cursou a Faculdade de Direito mas interrompeu os estudos para ingressar na Imprensa, trabalhando como redator do «Correio da Tarde» de São Paulo. Em 29 de junho de 1931, fazia sua estréia de «speaker» na Rádio Record da capital bandeirante e em agosto de 1933 transferia-se para a Rádio Mayrink Veiga onde continúa. Tem experimentado, com sucesso, a carreira de autor rádio-teatral e teatral. Viajou á Argentina e aos EE.UU. e posou o principal papel masculino no filme «Direito de Pecar». Seu lema é: «Podia ser peor». Em outro local desta edição, Cesar Ladeira fala-nos, detalhadamente, das possibilidades de voltar ou não a dar seu concurso ao Cinema Brasileiro.

Foi como si o cinema atingisse, de subito, a maioria. Deu para raciocinar. E mesmo quando vem disposto a divertir, na farça ou na comedia-pastelão, ainda aí procura dar conta de um recado. Distrai, arejando o espirito do publico, mas preparando-o para novas e maiores sortidas no cenario da realidade.

Resultado: Nunca se foi tanto ao cinema quanto agora. Nunca o publico sentiu que o cinema lhe enchia as medidas quanto depois de 39. Nunca o publico exigente — o das minorias — se reconciliou tanto com o cinema. E com tudo isso, o cinema não abdicou do seu direito sagrado de divertir. Ele diverte — mas junta o agradável ao util e traduz as dores lancinantes por que atravessa o Mundo. Reflete a angustia da hora que aí está.

Alguem disse que cada publico tem o cinema que merece. A evolução que se regista linhas acima, não foi do cinema para o publico. O publico é que passou a fazer jus a um cinema melhor.

Foi pena que precisasse sofrer tanto...

c e l e s t i n o s i l v e i r a

sumário

Rio, 11-8-1942

Nº. 1116

Retratos

Irene Manning	2
James Stewart	11
Hedy Lamarr	18
Michele Morgan	27

Reportagens

Cesar Ladeira voltará ao cinema?	9
A colaboração de brasileiros nos desenhos de Walt Disney	13

Paginas fotograficas

A nova "A CENA MUDA"	5
Curiosidades do Cinema Brasileiro	6
Rosalind Russell apresenta seus ultimos modelos	16
O Casamento de Paulo Gracindo	19

Artigos

Radio-Teatro (Jaime Faria Rocha)	8
--	---

Seções

Editorial	3
Nossa capa	3
Em Uma Semana	8
Tomadas de Camera	5
Fala o Amigo Fan	10
Cotações da Semana (O Grande Ditador, Invasão de Barbaros, A Pequena dos Milhões)	20
O Jazz no Cinema e no Radio	22
Correio dos Fans	22

Cine-romance

"Sabotador" — Filme da Universal, com Priscilla Lane e Robert Cummings	23
--	----

no próximo número

BERLIET JUNIOR DESVENDA A TECNICA DO SEU RADIO-TEATRO

Reportagem com o festejado
radio autor policial

"EU FUI O CAMERA-MAN DE ORSON WELLES!"

Revelações palpitantes de
George Fanto sobre a per-
sonalidade do creador de
"Cidadão Kane".

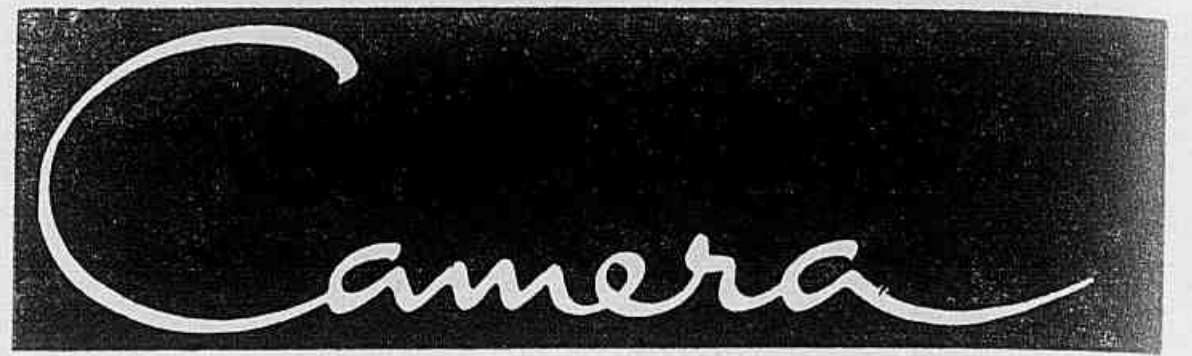
NOVELIZAÇÃO DO EMOCIONANTE FILME DA METRO

SOL DE OUTONO

com

HEDY LAMARR E ROBERT YOUNG

TOMADAS DE



por victor José lima

O CINEMA TAMBEM FAZ A SUA GUERRA TOTAL — A presente guerra mundial se está valendo de dois poderosos veículos para ampliar sua propaganda; dois veículos que não existiam em guerras passadas. São eles, naturalmente, o cinema e o radio. Todos os dois, em conjunto, tem servido para levar aos quatro cantos do mundo a opinião dos grandes *leaders* e as ultimas notícias do desenvolvimento do conflito. Por isso, não poderiam deixar de receber a atenção da propaganda de guerra. A penetração de ambos é assombrosa. Um impressiona pela palavra e o outro vive pela imagem. Um e outro tem seus efeitos definidos. Pelo espaço, ecoam as palavras dos contendores, num duelo jamais presenciado na historia. E na tela, desenrolam-se os jornais de atualidades e os grandes filmes baseados em motivos de guerra. O cinema tem empregado todos os seus esforços em favor da causa Aliada. Nestes ultimos meses, temos presenciado admiraveis espetaculos de combate ao nazismo e á quinta-coluna. Os homens de cinema trabalham com afinco e coragem para oferecer ao público celuloide dogmatico, onde apresentam nua e crúa, a verdade sobre a vassalagem eixista.

Dos filmes mais recentes — pelo menos recentemente aqui apresentados — dois se destacam de todos os outros: um é o "Grande Ditador" e o outro, "Invasão de Barbaros". São de generos diferentes, embora ligados pelo mesmo objetivo: combater o nazi-fascismo. A película de Carlitos tem um sentido profundamente pacifista; nele compreendemos, perfeitamente, o papel que está destinado ao cinema na guerra atual. No desfecho de sua admiravel sátira política, Mr. Chaplin se dirige á audiencia com palavras que emocionam e prendem a atenção. Elas merecem meditação demorada, acarretam muitas ponderações e servem, enfim, para banir de vez, da mente de todos, qualquer simpatia por países guerreiros, de carater totalitario, tais como a Alemanha, Italia e Japão.

"Invasão de Barbaros" não é uma sátira: é um documento. Um documento vibrante, cheio de entusiasmo, um aviso, um apelo contra uma possivel dominação nazista. Ha muito idealismo, muita sinceridade. Depois de dois espetaculos como "O Grande Ditador" e "Invasão de Barbaros", o cinema pode orgulhar-se de ter prestado um inestimavel serviço á causa democratica.

SONDANDO A ARGUCIA DO LEITOR — Em nossa ultima edição, tivemos oportunidade de fazer um *test* com os nossos leitores. Um *test* que requeria muita argucia. Num artigo sobre valhaços, de autoria de Anselmo Domingos, e tampamos um *cliché* de Chester Conklin; na legenda, contudo, informámos ser aquele o ator Ben Turpin, já falecido. O *test* foi bem sucedido. Inúmeras telefonemas e cartas nos chegaram ás mãos; uns afirmavam não ser Ben Turpin, embora não soubessem o nome do verdadeiro. Outros, entretanto, ofereciam todos os detalhes, dizendo mesmo ser aquela cena uma passagem da película "Cavalgada de Hollywood", com Don Ameche e Alice Faye. Os que assim se expressaram, demonstraram ser bons *fans* cinema fotograficos. Parabens!

Zezé Fonseca e Saint Clair Lopes colhidos num sugestivo flagrante, nos estúdios da Nacional, quando folheavam, muito agradavelmente surpreendidos, a "novissima" "A Cena Muda". O "speaker"-millionário e a "bonequinha" da E-8 são, agora, "fans" incondicionais desta revista... ➔➔➔

Endereço dos estúdios cinematograficos americanos

COLUMBIA PICTURES
1438 N. Gower Street,
Hollywood, California
U.S.A.

Hollywood, California
U.S.A.

METRO-GOLDWYN-MAYER
Culver City, California
U.S.A.

20TH CENTURY-FOX
Box No. 900
Beverly Hills, California
U.S.A.

PARAMOUNT PICTURES
5451 Marathon Street
Hollywood, California
U.S.A.

UNITED ARTISTS
1041 N. Formosa Avenue
Hollywood, California
U.S.A.

REPUBLIC PICTURES
4024 Radford Avenue
North Hollywood, California
U.S.A.

UNIVERSAL PICTURES
Universal City, California
U.S.A.

R. K. O. — RÁDIO PICTURES
780 Gower Street

WARNER BROTHERS
Burbank, California
U.S.A.

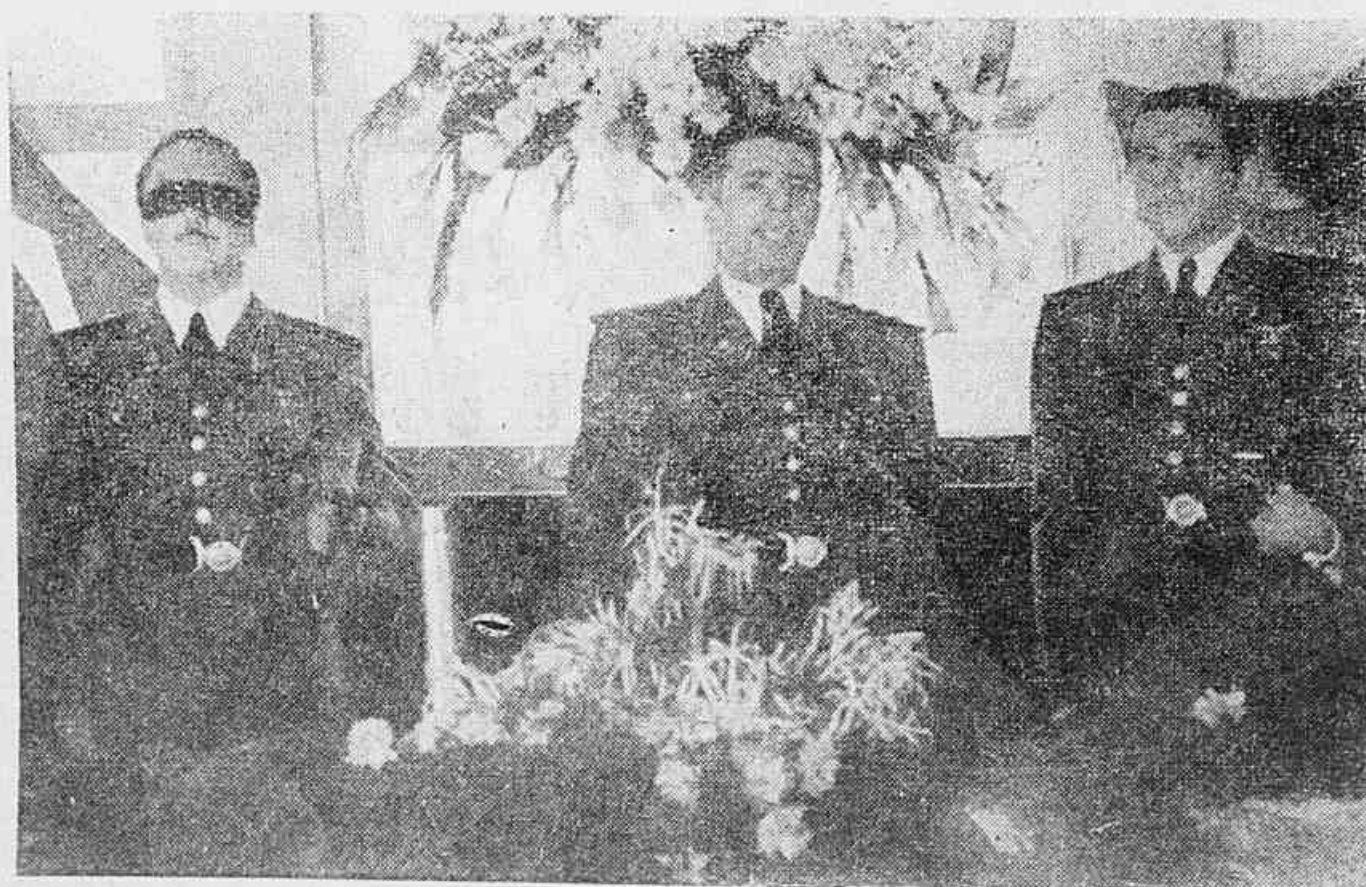




Quando "Alegria" era filmada na Cinédia. Na gravura aparecem Oduvaldo, Ademar Gonzaga e Celso Guimarães, este ultimo, fazendo uma transmissão para a Nacional.

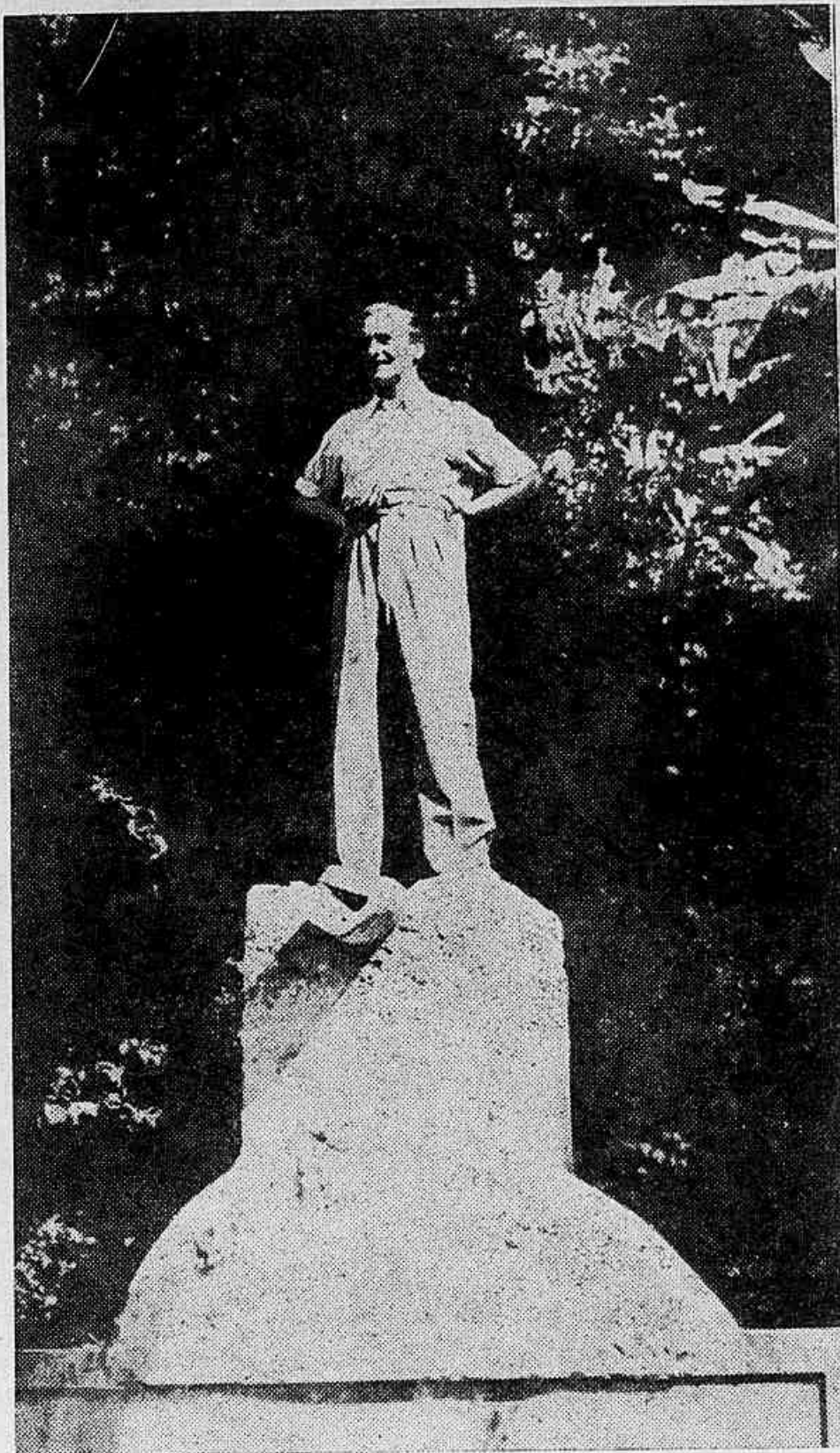


Em cima, Paulo Roberto e Ribeiro Martins. Em baixo, Celso (de olhos vendados), Olavo de Barros e Ribeiro Martins, no filme "Azas do Brasil" que não chegou a exhibir-se.



E' ASSIM QUE ELES FILMAM...

Aqui estão recordados, nesta página, dois filmes brasileiros que embora tenham dado muito trabalho aos seus realizadores, não chegaram ao público. Um, foi "Alegria", motivo de tantos malentendidos e incidentes que nem é bom lembrar! Outro, foi "Azas do Brasil", que Roulien terminou, na Sonofilmes, mas que um traíçoeiro incendio destruiu semanas antes de ser entregue ao juizo soberano do público. Já na página ao lado, o leitor encontrará recordações de duas outras filmagens melhor sucedidas: "Aves sem ninho", de Roulien, e "24 horas de sonho", que Dulcina e Odilon produziram e estrelaram. As gravuras mos-



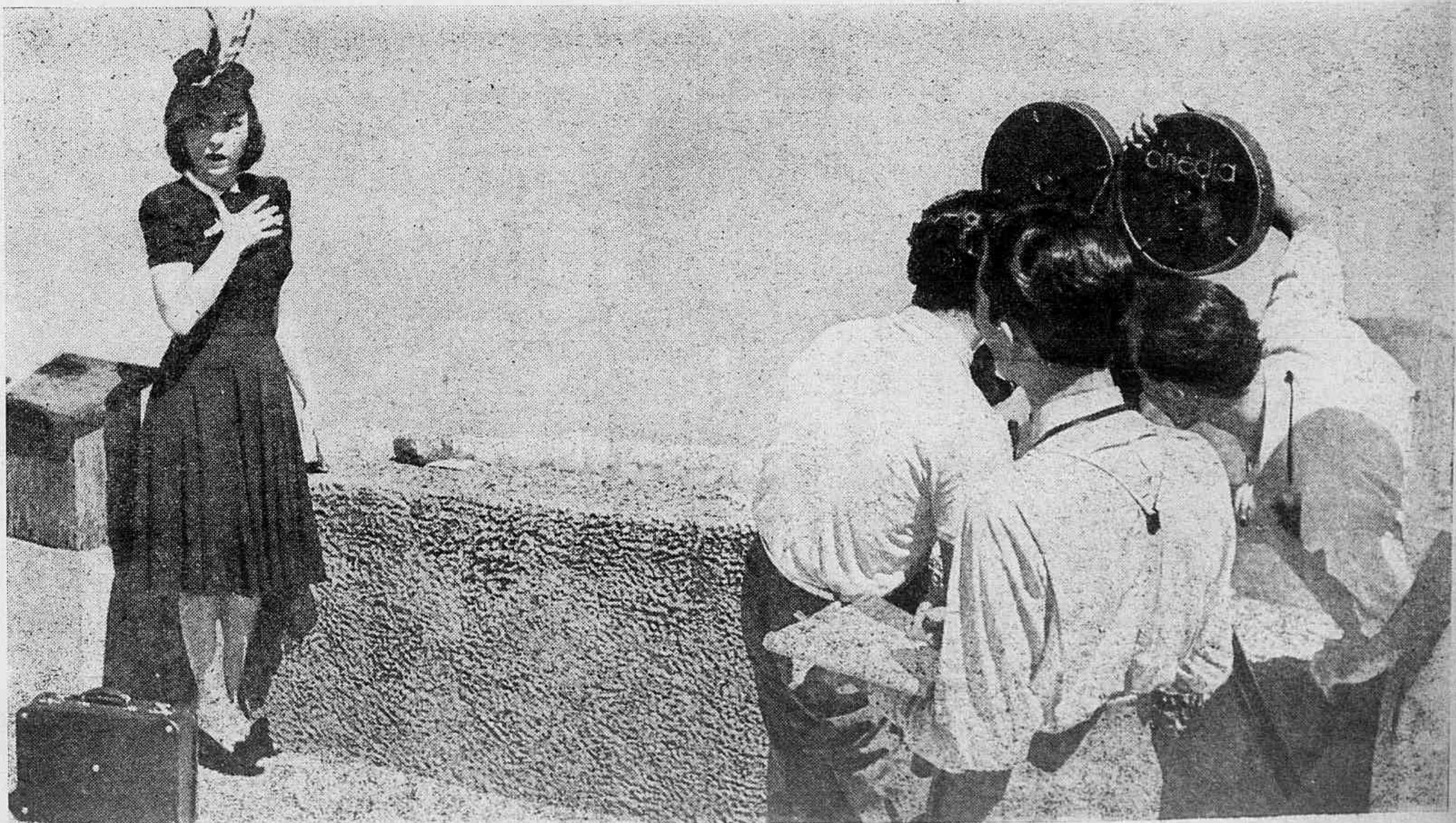
Quando se filmava "Argila", em Corrêas, Celso Guimarães "bancando" a estatua, num momento de folga.



Foi assim que Roulien dirigiu a queda de Rapadura em "Aves sem Ninho". Aparece também Lidia Matos.

tram-nos como foi filmada a sequencia da queda de Rapadura, no mais recente filme de Roulien, e como se localisaram os operadores da Cinédia para filmar a tentativa

de suicidio de Dulcina. O que se vê no pedestal, é Celso Guimarães, posando para a posteridade quando Humberto Maur^o andou fazendo "Argila", nos arredores de Petropolis.



Dulcina em preparativos para suicidar-se, jogando-se do Corcovado. (Um esclarecimento: O suicidio foi finta, para "24 horas de sonho...")

Em Uma Semana

Rio vai ganhar amanhã uma nova casa de espetáculos cinematográficos — O Cine Vitoria. E' sempre agradável o registro da inauguração de um cinema e muito maior quando esse acontecimento ocorre em meio ás adversidades da hora presente. Nem mesmo a guerra impede a consumação das iniciativas louváveis, dos empreendimentos desse quilate. A guerra ha de passar mas o cinema ficará, e ainda mais quando recebe no batismo o titulo de maior atualidade, nome que vale por um simbolo dos dias em que seus empresarios o entregam ao público. Aliás, da mesma entidade teremos ainda este ano outras novas casas de diversões: o Rian, em Copacabana, e o novo Palacio Teatro da rua do Passieo. E' preciso ter conhecido os primitivos e arcaicos "cineminhas" da velha Avenida Central para sentir, mais de perto, a satisfação que nos proporcionam esse modernos, amplos e confortáveis salões que o carioca hoje pode frequentar. Registe-se, pois, o acontecimento mais grato da temporada: a inauguração do Vitoria, bem nascido, certamente, a começar pelo titulo.

Não somos contrarios á difusão de programas rádio-teatrais que hoje constituem, sem favor, um dos grandes atrativos do "broadcasting" nacional. E dizemos — nacional — porque o predomínio do rádio-teatro faz sentir-se, não apenas em nossa capital, mas em São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Porto Alegre e em outras cidades do Norte e do Sul. Desejariamos, simplesmente, que tais programas obedecessem a um maior espirito construtivo, e a um esmero mais pronunciado na seleção de repertorio. Rádio-teatro escuta-se em casa, é ouvido por toda a classe de público e por isso, o problema de escolher repertorio impõe uma atenção absoluta, de parte dos seus responsáveis. Frequentemente escutam-se peças que, si representadas em qualquer teatro, obedeceriam á classificação de "improprias" para espectadores até uma determinada idade. Certo, o controle nas irradiações faz-se muito mais difficil. Por isso mesmo, éle devia partir, espontaneamente, dos conjeccionadores do programa.

DAMOS em outro local deste número a noticia das comemorações que se projetam, neste momento, para festejar os trinta anos de fundação da Paramount Pictures. De nossa parte, a elas nos associando, patrocinaremos a realização de um jantar em que venham a participar todos os legítimos representantes da cinematografia local. Queremos, com essa iniciativa, estender essa homenagem, sob o pretêxto muito auspicioso do 30.º aniversário da Paramount, a quantos, nesse marco de tempo, teem trabalhado com o proposito de divertir o público, mesmo que o façam obedecendo a qualquer objetivo comercial. Porque é o Cinema que estará de parabens. A data aniversária pertence muito mais á cinematografia que á "marca das estrelas".

Por que não Rádio-Teatro?

por JAIME FARIA ROCHA

(JOVEM ESCRITOR RÁDIO-TEATRAL BRASILEIRO)

Incentivar os novos! Eis uma frase que se ouve a cada passo. Incentivar os novos. Revelar novos valores. Trazer à luz do conhecimento público novas inteligências, novos talentos, novas habilidades. Eis o que se propugna neste instante em que o proprio país, sábiamente dirigido, procura se elevar no conceito das nações, em que os môços encontram seus lugares, nas administrações públicas, na magistratura, na medicina, na engenharia, na técnica, nas artes e nas ciências!

Incentivar os novos é, pois, um dos escôpos que visamos alcançar nesta breve crônica, ao mesmo tempo que tentamos abrir os olhos dos que, tendo à mão uma fatia de pão, temem apenas esticar um pouco o braço para alcançá-la, embora tenham fome, embora saibam que o pão é do mais puro trigo, sem a menor parcela de jôio.

O rádio-teatro tem sido últimamente um dos assuntos discutidos, censurados, aplaudidos, comentados, etc. Uns são pró, outros contra, uns acham-no demasiado, outros, escasso, pobre, despido de quaisquer qualidades e tudo mais.

Por que não Rádio-teatro? Foi a pergunta que nos serviu de título ao que escrevemos neste instante. Sim: por que não? Se o rádio-teatro desde os seus primórdios na nossa radiofonia vem revelando valores novos, inteligências moças, idéias não exploradas ainda? Por que não, se o Rádio-Teatro vem mostrando aos ouvintes quantos escritores radioteatrais, notáveis dialogadores, imaginações férteis, verdadeiros artistas da palavra falada?

Por que não, se a grande maioria que escreve "especialmente" para o microfone é despida de qualquer "ferrugem" de bastidores e dá às suas peças, um "tratamento" absolutamente singular, meio cinema meio rádio, meio teatro, demonstrando que ele, o rádio-teatro, é sem o minimo vislumbre de dúvida uma ESPECIALIZAÇÃO?

Por que não, se se adapta uma peça de teatro para o microfone?

Deixará ela de obter sucesso entre os "fans" do rádio-teatro, por isso? Por que, então, não se adapta para a ribalta uma rádio-peça? E seria tão simples para o adaptador. Se um radioman adapta uma peça de teatro para o microfone, um homem de Teatro, com a mesma facilidade, adaptaria uma peça de rádio, para o palco! Acusam o rádio-teatro de explorar o gênero "dramalhão". Perguntamos: qual o maior sucesso teatral da temporada de 1942 no Rio? Poderão dizer que foi uma farça, uma canção teatralizada, mas... senhores: estamos falando de TEATRO... e falando de TEATRO, temos que dar a mão á palmatória: Foi ou não foi a DAMA DAS CAMELIAS?... Sim, o velho, o velhíssimo e "batido" DRAMA de Dumas Filho, o maior sucesso TEATRAL da temporada? Desafiamos quem quer que seja a nos dizer que o POVO (o mesmo que ri com as farças leves e cheias de gags) não se deixa empolgar com um bom drama! Desafiamos, sim, amavel leitor, porque a PROVA PROVADA está aí, para quem quizer ver. Senhores empresarios, voltem seus olhos para as peças de rádio, para os escritores radioteatrais que, moços, precisam ter seus lugares no cenário intelectual de nossa terra. Lembrem-se de que eles escrevem uma peça

cuja dialogação não precisa ser aprimorada (pois o rádio-teatro vive quase que exclusivamente do diálogo) exploram idéias novas, abordam assuntos notáveis para que suas peças sejam irradiadas uma só vez e o seu ganho em direitos autorais é irrisório. Por que não aproveitar os talentos radio-teatrais para os palcos brasileiros?! Mais de 800 peças de rádio, num cálculo pessimista, já foram irradiadas. Quanta matéria formidável está aí, nas gavetas, nos arquivos?! Destas 800, que se escolham 50, 30 ou mesmo 20. Ai teremos (podemos garantir com 8 anos e meio de experiencia) material magnífico para, convenientemente adaptado ao palco, levantar sobremaneira o nivel do nosso teatro de comédia, de declamação, dando o justo valor aos novos, porque assim eles formarão na vanguarda intelectual e artistica do Brasil moço; que caminha a passos de gigante para um grande porvir.

METROLINA
Para a higiene íntima da mulher

ANTISSÉPTICO GINECOLOGICO
BACTERICIDA - DESODORIZANTE - ADSTRINGENTE

A passagem de Cesar Ladeira pelo cinema nacional foi meteórica. Até se anunciar sua aparição em "Direito de Pecar", ninguém pensava no seu aproveitamento cinematográfico, e quando isso aconteceu, sentiu-se que o filme dirigido por Leo Marten contava, desde logo, com uma preciosa colaboração artística. Não que se conhecessem as aptidões de Cesar Ladeira como interprete, mas porque sua larga popularidade adquirida por intermedio do microfone da Mayrink Veiga o fazia impor-se junto á legião feminina, que é o que mais deve interessar ao produtor cinematográfico. Cesar não foi, no entanto, vitorioso na t'ela. Sua esperada "performance" ficou muito longe do que sonhavam as "fans" do galã do Teatro Pelos Ares e ele foi o primeiro a reconhecer essa incontestavel realidade. Preferiu continuar no estudio de sua emissora, falando para o Brasil inteiro com aquele prodigioso filão de voz que a Natureza lhe ofereceu e que o "speaker" tão habilidosamente aproveita. Quanto ao cinema? Era tempo de ficar em paz. Nunca mais se falou em outra filmagem com o seu concurso. Nem ele se preocupou em forjar uma oportunidade nesse sentido. Assim mesmo, e até hoje, não falta quem se lembre de indagar, de longe em longe: Cesar voltará a fazer cinema? Si lhe dessem outro ensejo, desta vez mais compensador do ponto de vista artistico, ele o aceitaria?

Era tempo de ouvir a palavra do nosso homem. E foi o que fizemos, na certeza de estarmos, assim, satisfazendo a curiosidade de muitos milhares de corações femininos...

A pergunta não podia ser outra?

— Cesar... Você pensa em voltar ao cinema?

E o locutor da A-9, com aquele sorriso personalissimo:

— Bem, para assistir filmes, voltarei quasi diariamente. Sempre que me sobrar tempo. Sou "fan" de verdade e não sei perder uma boa fita. Mas quanto a posar filmes...

E sublinhando:

— E' bom distinguir! Também poderei voltar, mas só quando me derem um papel muito á minha feição.

— Genuinamente romantico? Galã?

— De maneira alguma... "Parei" com os galãs. Tenho um poder de auto-critica muito apurado, graças a Deus...

— Nesse caso, em que genero poderia voltar?

— Nos caracteristicos — respondeu Cesar Ladeira. — Um papel no estilo daqueles em que se notabilizou Akim Tamiroff, mereceria de minha parte a maior simpatia e estou certo de que, dentro dele, poderia dar ao cinema uma coadjuvação preciosa. Não acha que seria mais interessante?

— De fato...

— Mas ainda assim — prosseguiu Cesar — só mesmo si me visse amparado por um conjunto de elementos tecnicos razoavel, eficiente e que não puzesse em risco o melhor do meu esforço. Sei as dificuldades por que atravessam os batalhadores do Cinema Brasileiro e por isso mesmo é que só rodeado dessa garantia tecnica, hoje, poderia atrever-me a enfrentar de novo uma camera...

— Do contrario...

(Continúa na pag. 22)

Em cima: Cesar e Nilza Magrassi quando filmavam, na Cinédia, "Direito de Pecar".

Em baixo: Cesar quando visitava Hollywood, com Mickey Rooney, que então posava "Andy Hardy Milionário".

--- Para ver filmes, quasi todos os dias! Para posar... Só mesmo um tipo á maneira de Akim Tamiroff; não voltarei a ser galã --- diz-nos o protagonista de "Direito de Pecar".



CESAR
VOLTARA' AO
CINEMA?

FALA O AMIGO FAN

AINDA TYRONE E ERROL

Tenho lido ultimamente em A CENA MUDA, uns artigos sobre Tyrone Power e Errol Flynn; uns até "esmagam" Errol, fazendo Ty chegar ao apogeu da glória.

Não digo que não reconheça o talento de Ty, e que não o admiro; pelo contrário. Gosto muito deste artista, mas... prefiro Errol, não somente por "Gavião do Mar", mas pelo seu talento indiscutível.

Não deixo ao mesmo tempo de apreciar Ty em "A marca do Zorro", "Sangue e Areia", e até "Johnny Apollo", em todos, este artista saiu-se bem. Uma das últimas "críticas" que li sobre este assunto, foi da senhorita Iracema Carvalho, que "lutava" a favor de Ty.

Eu, como fan de Errol, achei justo escrever este pequeno artigo, defendendo-o.

Discutir sobre Errol Flynn e Tyrone Power é o trabalho mais difícil que se possa dar a um cronista ou a um crítico.

Minha pergunta é: "Quando será Errol premiado com o ambicionado 'Oscar'?"

Espero a resposta.

OTAVIO T. BRITO

(Belém — Pará).

DOIS ASSUNTOS

ROBERT TAYLOR, "ELE" E AS PEQUENAS DE BAIRRO. — Não sou dos maiores fans do discutido artista da Metro, mas, francamente, acho injustiça ser taxado de "mocinho bonito", "canastrão" e outros qualificativos deprimentes. Que diabo, o rapaz não é tão mau assim... "Apezar" de bonito (pois isso é defeito para muita gente) tem-nos dado boas performances, como em "Um yankee em Oxford", "Ponte de Waterloo" e "Dama das Camélias".

Neste, por sinal, esteve muito bem, incarnando o romantico Armando Duval como poucos o fariam. Mas há quem diga que demonstrou talento "por casualidade". Pois é... Oh, pequenas de bairro, já viram algum demonstrar talento por acaso? Nem eu.

O NOVO FILME DE CARMEN MIRANDA. — "Aconteceu em Havana" vem aí, precedido pelo habitual barulho. Nada mais natural, dada a grande, enorme popularidade e estima que goza no Continente a "nossa" (sim, porque portuguesa ou não, é "nossa"). O terceiro filme da "Brazilian Bombshell" desperta, aliás, mais interesse que o anterior; o quarto mais que o terceiro e assim por diante. Que culpa tem ela de ser "notável"? "Ele" referiu-se a "Serenata Tropical" como sendo "carrasquento" (Desconheço essa palavra, mas partindo de quem parte, deve ser coisa feia), e á sua interprete, de maneira pouco lisonjeira, insistindo em que venceu á custa de remelexos de quadris. Fosse isso bastante para se alcançar a fama, e não veríamos um quadril socegado. E haverá algum mal nisso? Acaso não se rebelam Ginger Rogers, Betty Grable e até a grande Garbo em "Duas vezes meu".

Qual, este mundo está mesmo exquísito. Não parece o mesmo Aviny que em "Carta-aberta a Carmen Miranda" (A CENA MUDA de 18-3-41), dizia: "Minha boa Carmen: Aqui do nosso querido Brasil, quando morremos de saudades suas, tomo a liberdade de dirigir-lhe estas linhas. Assisti "Serenata Tropical" e ainda mais ansioso fiquei pelo seu regresso." E mais adiante: "Mande-me um retrato autografado, sim?". Isso vai sem comentários...

Diz "ele" que presume ter sido melhor a primeira versão, que teve o titulo de "Não deixes a porta aberta", com Roulien e Rosita Moreno. De fato, o elenco era fantástico! Fenomenal! Impossível competir com o desta, que conta com o concurso de Alice Faye, John Payne e Cesar Romero, além de Carmen. Nem com o bellissimo colorido com que vem camuflada...

Esse rapazinho enxerga longe, hein? Sabe até que o unico papel que será bem interpretado pela simpatica brasileira é o de cantora temperamental de cabaré, e note-se que ela só incarnou esse personagem UMA vez.

Consta que uma publicação do Mexico afirmou que a atuação de Carmen como cantora fica desmerecida por cantar em inglês mais que em português. Será que a lingua portuguesa está se tornando universal e nós não sabemos?

Finalizando o seu "bombardeio", diz o original cronista que espera que o celuloide em questão não seja um "abacaxi" (esses pessimistas...). Até que enfim, concordamos numa coisa: caso seja "Aconteceu em Havana" um abacaxi, o que não acredito, será mesmo "enfeitado" com o "glamour" e voz inconfundíveis da embaixatriz do samba (ou de qualquer outra musica que resolva interpretar).

LUIS (Santos)

MARTHA EGGERTH NA METRO

Quando nos chegaram noticias de que a M. G. M. tinha contratado Martha Eggerth, os fans da simpatica Diva ficaram muito satisfeitos, porque iriam tornar a ver e ouvir através da tela a esposa de Kiepura. Já era muito longo o tempo passado sem vermos a sublime interprete de "Sinfonia Inacabada", o que já começava a inquietar a innumera legião de fans, e muitos sentiam saudades da incomparavel estrela cantante do Cinema Europeu.

Sim! porque Martha Eggerth é uma artista que sempre agradou com sua voz e talento artistico aos seus admiradores; os que não admiravam-na como atriz (apesar de nos ter provado em seus inumeros filmes o conhecimento que tinha, tanto para a comedia como para o drama, viam-na sempre como uma ótima interprete da boa musica, ao dar expansão e expressão com sua voz de rouxinol ás maviosas musicas de Strauss, Schubert, Rossini, Puccini e inumeros outros creadores de belas melodias e lindas operas.

Não podia haver noticia mais agradável para os fans do Cinema, que sempre enoaram uma estréia ou rentrée com ansiedade para fazer o respectivo julgamento daquele ou daquela que irão admirar ou criticar, durante o tempo que estes permanecerem no Cinema. Esta noticia foi ainda mais agradável para os fans de Martha e por sua vez tocou na curiosidade dos admiradores da boa musica. A rentrée de Martha no Cinema Americano despertou grande curiosidade entre todos, pois si os seus fans já sabiam-na triunfante no Cinema Europeu, queriam ver confirmada esta vitória em Hollywood, e para os demais iriam ver mais um nome importante de outras plagas, que iria tentar a sorte na Meca do Cinema, onde varios de seus companheiros já estavam se firmando, chegando mesmo alguns a vir ameaçar os famosos nomes da Cinematografia Americana.

Mas o prazer de ver noticiada a volta de Martha não foi completo, desde quando a esposa de Kiepura no seu primeiro filme da marca do "Leão" não seria a estrela exclusiva. Os dirigentes da Metro deram um filme a Martha, que seria dividido com uma estrela fulgurante desta empresa, que ora atravessa a mais deslumbrante fase de sua carreira, já tendo uma incontavel legião

REPRESENTANTES DE A CENA MUDA

BAHIA — Joaquim M. Cunha — Praça Castro Alves, 79.

PARANA — Gerson Gomes Lustosa (correspondente) — Hotel Metrópole — Curitiba.

RIO GRANDE DO SUL — Admar Lobato — Agencia Publix — Rua Siqueira Campos, 1159 — Sala 6.

ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE — S. S. Koppe & Cia. Times Bldg. New York City.

PORTUGAL — Agencia Geral de Publicações — Rua do Arsenal 84, Lisboa.

AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA — D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques.

URUGUAI — Moratorio & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo.

ESTE NUMERO CONSTA DE 28 PAGINAS.

de fans, e que só o seu nome bastaria para assegurar o sucesso financeiro da produção. Judy Garland é a companheira de Martha em seu primeiro filme nos studios da Metro.

Por que dar a primeira produção da interprete de "Casta Diva" uma companheira de cartaz tão grande no mundo cinematografico? Seria para dar maior sucesso á película? Será que a M. G. M. quer dar na estréia de Martha o prazer de ver seu nome ligado a uma das mais fulgurantes estrelas de seu Céu?

Si foi com este pensamento os dirigentes agiram de maneira elogiativa. Porém, não devemos deixar de ver o outro lado da questão.

Por que quando Miliza Korjus foi apresentada, não teve como companheira uma outra artista no genero, e sim uma artista dramatica que apesar de interpretar bem o seu papel foi obscurecida pelo desempenho da cantora? Neste filme Louise Rainer teve o principio do seu declínio no Cinema, porque a arte dramatica foi superada pela arte musical. Não acreditamos que a Metro queira perder outra estrela, ao apresentar Judy Garland ao lado de Martha, embora sejam do mesmo genero, sendo que a estrela europeia é mais artista. Talvez possa acontecer a Judy o que aconteceu a Luise Rainer.

Mas a presença de Judy no filme-estréia de Martha, deixa os seus fans em duvida, e são obrigados a perguntar: Será que os dirigentes da Metro não viram "Sinfonia Inacabada" (que vale por um documento de apresentação) "Casta Diva", "La Boheme", "Carmen Loura" e tantos outros filmes, a ponto de precisar colocar uma artista de nome para garantir o sucesso e desta maneira auxiliar a rentrée de Martha?

Será que teme que Martha possa vir a superar qualquer estrela cantante do seu "cast", si esta fosse a unica estrela do filme? Não, porque Judy já tem o seu publico, Jeanete McDonald por sua vez não pode temer concorrência de qualquer outra cantora, seja de nome famoso como Erna Sack, Grace Moore, Miliza Korjus, Deana Durbin, etc., pois todos sabem que em questão de popularidade a esposa de Gene Raymond é uma artista que tem uma legião de fans maior do que qualquer outra cantora no Cinema.

E agora para finalizar quero chamar a atenção dos fans das artistas citadas e tambem dos conhecedores da musica e canto, que este meu ponto de vista não se refere ás qualidades de cada cantora e sim sobre o ponto de vista de popularidade, porque o pouco que sei de musica me impede de fazer uma comparação entre Martha e Judy, ou entre estas e quaisquer outras cantoras que a tela nos apresenta.

E. A. CASTRO

(Salvador — Bahia)

O AMIGO Nº1 DAS SENHORAS

ASTREA

PODEROSO ANTISEPTICO, SUAVEMENTE PERFUMADO, DE RAPIDA ACCAO BATERICIDA.

O MAIOR PROTETOR DE TODOS OS ENCANTAMENTOS FEMININOS. PROPORCIONA AGRADAVEL BEM-ESTAR.

PARA A HIGIENE INTIMA DAS SENHORAS

INDISPENSAVEL A HIGIENE INTIMA DAS SENHORAS

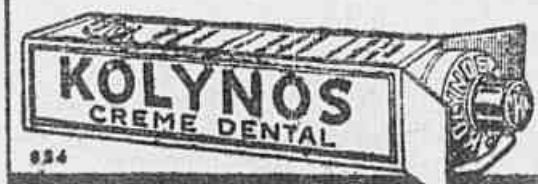
É facil IMITAR...

...difficil CREAR

DESDE QUE KOLYNOS foi descoberto, ha trinta annos passados, inumeros dentifricios têm tentado imitar suas superiores qualidades, mas nenhum foi bem sucedido.

Kolynos limpa os dentes melhor e sem causar damno — restaurando rapidamente o brilho e brancura naturaes.

Não aceite substitutos — insista no melhor creme dental — Kolynos!



A colaboração dos brasileiros nos desenhos de Walt Disney

por João de Barro

Diretor da versão brasileira de "Dumbo", "Bambi", "Dragão Dengoso" e outros

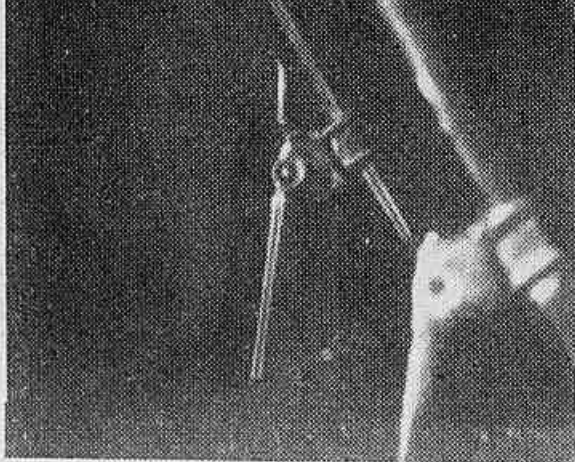


Aqui está como se trabalham as gravações em nosso idioma. A partitura dos desenhos animados vem gravada, na íntegra, em uma série de discos, para orientação dos artistas brasileiros. João de Barro mostra ao nosso redator as preliminares para o serviço de conjugar o diálogo e parte do canto, com a orquestração do original. Primeiro escuta-se a música.



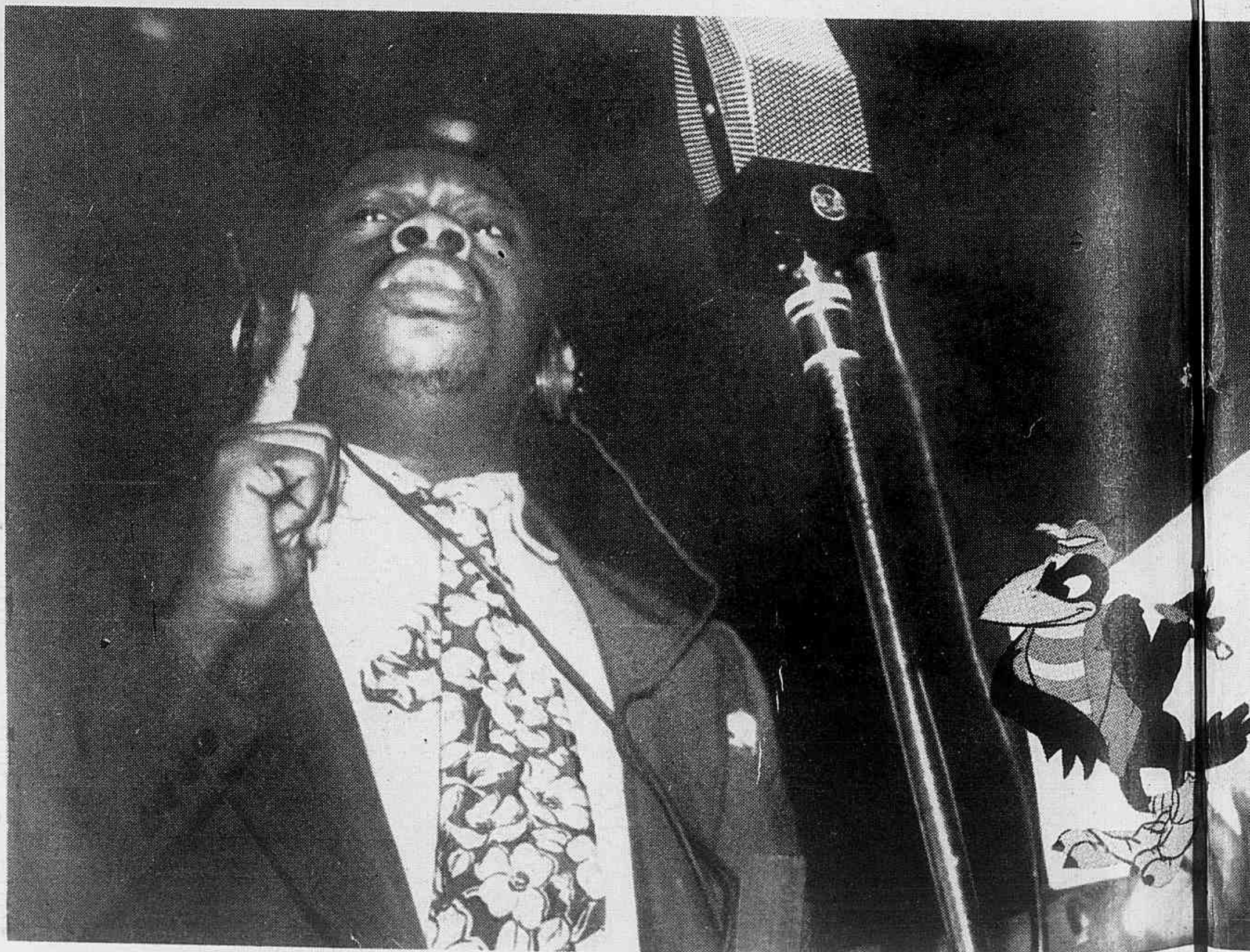
FREQUENTEMENTE me perguntam si os preparativos da versão brasileira de um desenho animado dão muito ou pouco trabalho. Outras pessoas, as mais leigas no assunto, chegam a arriscar uma pergunta ainda mais temerosa: Essas gravações são realmente feitas no Brasil? Custa-lhes acreditar que isso esteja sendo realmente executado por nós. São espectadores bem intencionados, não podendo compreender o modo pelo qual um desenho animado, feito lá tão longe, em Hollywood, venha a exibir-se no Brasil, falado em nosso idioma. Isso que para muitos assume as proporções de um autêntico milagre, embora não sendo realmente muito fácil, é, contudo, perfeitamente viável. E tanto assim que, no curto espaço de tempo de quatro meses, demos conta, aqui no Rio, de três gravações de longa metragem — *Dragão Dengoso*, *Dumbo* e *Bambi* — e ainda a de dois celuloides que Walt Disney produziu em curta metragem. Isso quer dizer que já estamos trabalhando nesse particular, com absoluto ritmo, sem quebra de continuidade, convindo esclarecer que tais versões são também exibidas em Portugal e Colônias.

Almirante é dos que melhor tem aprovado nas gravações "brasileiras" dos filmes de mestre Disney. Desde "Branca de Neve e os Sete Anões" até "Bambi", ainda não estreado no Brasil, a "maior patente do rádio" tem contribuído brilhantemente para esses sucessos. Em "Dumbo", ele foi a Cegonha que chamava, saltando de carro em carro: "Dona Dumbo! Oh, dona Dumbo!" A voz inconfundível e maleável de Almirante tem sido aproveitada consecutivamente por Walt Disney.



João de Barro e Olga Nobre, em "Dumbo", falaram, respectivamente, pelo ratinho Timóteo, que tão excelentes serviços presta ao elefantinho das orelhas enormes, e pela Elefante Manhosa. Aquela que espalha as maiores maledicências contra Dona Dumbo, repetindo, a cada instante: — "Chi! Eu sei de um *baixo*..." Aí estão ambos, João de Barro e Olga Nobre, reconstituindo uma "fala" do diálogo de "Dumbo".

Jim Crow, aquele passaro malandro, incorrigível e petulante, que traz sempre um charutão enorme pendurado no bico, foi falado por Grande Otelo. Nem mesmo no original, Jim Crow foi tão divertido e pitoresco. Walt Disney, quando aqui esteve, inspirou-se em Grande Otelo para outros personagens que, certamente, hão de aparecer em desenhos futuros. Reparem na pose do "colored" artista... Que importância!



E' interessante assinalar que fóra do territorio brasileiro também as nossas gravações teem agradado. O público português, a quem ao quê nos infermou a crítica local, embora tivesse de inicialmente estranhado um pouco o linguajar brasileiro, bem depressa a ele se adaptou, pelo pitoresco de que se reveste. E no Brasil, é certo que essas gravações, sensivelmente aperfeiçoadas, já não são mais apreciadas pelo grande público.

Quero, agora, informar os leitores sobre o mecanismo de nosso trabalho. Em primeiro lugar, ainda lá em Hollywood, os estúdios de Walt Disney entregam a um tradutor brasileiro, o "roteiro" dos diálogos em inglês. Tomêmos para exemplo, o filme *Dumbo*. Esse trabalho foi feito por Gilberto Souto que dêle se houve com muita fidelidade. Aqui no Rio, recebemos essa tradução literal, em português, e uma série de discos nos quais estão gravados todos os efeitos sonoros dos dialogos originaes do filme. Executamos os discos e procuramos então adaptar, a cada frase inglesa, a frase correspondente em nosso idioma, com o mesmo número exato de sílabas. Por exemplo: si a frase original diz *I love you* — podemos utilizar esta, rigorosamente correspondente na medida sonôra: *Amo você*. Mas esse dialogo tem de ser perfeitamente ajustado, dentro do movimento de lábios do personagem apresentado na t'ela. Nada facil, como se vê. Tudo depende de um pouco de experiência, bôa vontade e esforço. Em seguida, feito o dialogo definitivo em português, escolhem-se os interpretes. E vai se assistir uma cópia inicial que Walt Disney já então mandou, ainda em preto e branco, simples *croquis*, para se apreender o desenvolvimento da ação.

Fazem-se afinal as gravações, frase por frase, retificando e regravando, obtendo enfim o maximo de perfeição. Cada filme, trazido de Hollywood mais ou menos trinta discos com o dialogo original, o artista aplica os fônes ao ouvido, vai escutando a frase em inglês e a pronuncia, simultaneamente, em português, obtendo-se assim a mesma tonalidade e rigoroso sincronismo. Todo o dialogo da versão brasileira é então revelado aqui mesmo, no Rio, pela Sonofilmes, mandando-se para Hollywood o negativo. E' claro que os efeitos sonóros e as artes musicais são dos originaes ingleses, conjugadas as palavras do brasileiro onde se faz necessario. Tudo isso, no fim de contas, resulta num efeito tão completo quanto o do original inglês. Ha quem diga que a



Peri, filhinho do casal Dalva de Oliveira-Herivelto Martins, teve a sua voz habilmente aproveitada para falar por "Bambi", que brevemente será estreado. Peri tem apenas quatro anos de idade mas saiu-se às maravilhas, dessa primeira "performance". Disney gostou. Nós, certamente, gostaremos também.

dizer: — "Não compreendi todos os detalhes do dialogo..." De fato, isso pode acontecer mas só quando falam varios personagens simultaneamente. E si consultarem qualquer espectador inglês ou norte-americano, êle ha de confessar o mesmo, em relação aos filmes falados no seu idioma. Por ventura quando ouvimos um disco de vitrola, compreendemos nitidamente os minimos detalhes das "falas" em conjunto? Claro que não. O mesmo acontece quando se escuta um programa radiofônico. Nas "falas" de aglomeração, sempre se perde alguma coisa. Só em relação ás gravações brasileiras de filmes é que ainda somos assim intolerantes, mas tudo é falta de habito.

Walt Disney foi o primeiro a reconhecer que já trabalhamos, nesse particular, tão satisfatoriamente quanto em seus estúdios da California.

*

Para finalizar este meu artigo explicativo, quero ainda atender a inumeras pessoas que desejam saber quais os artistas a quem foi confiada a versão sonora de *Dumbo*. Eis a relação:

Passaro Jim Crow — GRANDE OTELO

Cegonha — ALMIRANTE

Elefante maltrona — SARA NOBRE

Empresario — MIGUEL ORRICO

Houve ainda Iara Jordão, Olga Nobre e Mary May nas três outras elefantes "bisbilhoteiras"; Xavier de Souza, no proprio "Xavier de Souza", *speaker* do circo, e Gastão do Rego Monteiro em algumas falas, a sério, na apresentação do filme.

*

E penso, assim, ter satisfeito a curiosidade dos "fans" brasileiros, sobre alguns detalhes das nossas gravações para os desenhos animados desse genial Walt Disney que nós todos admiramos.



*

João de Barro acumulou às funções de diretor da gravação brasileira de "Dumbo", as de interprete de um de seus principais personagens, o ratinho Timóteo. O conhecido compositor procurou assimilar e sentir bem no intimo as emoções do esperto camondongo. Eles se completam.

**Agradam-lhe
estes?
Então,
pode
copia-los...**





PAULO GRACINDO, o conhecido rádio-ator da PRG-3, contraíu nupcias no dia 16 de Julho pp., com a senhorita Dulce Xavier de Araujo. (Foto José)



Charlie Chaplin e Jack Oakie em suas maiores caracterizações cinematográficas, em "O Grande Ditador".

O GRANDE DITADOR

(UNITED)

4

Cinema não pede, somente, dinheiro. Não. O verdadeiro cinema pede muito mais do que isso. Pede inteligência, espírito. Por isso mesmo, as películas de Charlie Chaplin são sempre bem sucedidas. O veterano comico do cinema tem por norma não gastar quase nada com seus celuloides. Suas despesas são as mais reduzidas possíveis; os cenários são pobres; a realização, ás vezes, não é das melhores. Mas nem por isso os seus trabalhos deixam de ser grandes. "Luzes da Cidade" não acarretou muitos gastos, mas constituiu uma verdadeira obra-prima. "Tempos Modernos" foi feito com muito pouco dinheiro; apesar disso, revelou ser uma das melhores criticas ao seculo vinte. E agora temos "O Grande Ditador". Ainda desta vez Chaplin gastou muito pouco. Mas os resultados obtidos foram excelentes.

Este seu ultimo trabalho é a maior satira ás potencias totalitarias. Cada cena tem sua significação, sua intenção definida, sua beleza e brutalidade. Ha momentos de muito riso; e outros emocionantes, que tocam o fundo do coração. Charlie Chaplin substituiu a cruz swastica pelo simbolo das duas cruces — o que na gíria americana significa traição. Fez um estudo prolongado de todos os recálques de Hitler e retratou-o, depois, na tela, na figura de Hynkel. Cada gesto, cada palavra tem um sentido, um significado... Os detalhes minimos são importantes.

Deixando-se de lado o enredo do filme e o seu aspecto político, "O Grande Ditador" apresenta a novidade, ou melhor, a sensação da voz de Chaplin. E' a primeira vez que ele fala na tela. E o faz com felicidade, deixando-nos a pensar qual a razão de se ter conservado silencioso durante todo esse tempo. O seu discurso final, quase dirigido ao publico, é emocionante e profundamente sincero. Nesse instante, Chaplin chega ao coração do publico, fazendo-o sentir suas palavras.

Das cenas de maior efeito em "O Grande Ditador", podem ser destacadas as iniciais, passadas na primeira Guerra Mundial; a do sonho de Hynkel (pois sim...) de dominar o mundo; as dos diversos discursos do "grande" ditador e as finais. Jack Oakie, como Napaloni, ditador de Bactéria, revela-se esplendido. Seu trabalho pode equiparar-se com o de Chaplin, em certos instantes. Reginald Gardiner convence como o oficial nazista, amigo dos judeus. Billy Gilbert, como Garbistch (Garbage, em inglês, significa "lixo"...) não está muito parecido fisicamente com quem pretende retratar, mas serve para provocar boas gargalhadas em alguns instantes. Maurice Moscovitch, já falecido, tem um trabalho seguro e feliz. Quanto a Paulette Goddard, apesar de aparecer apenas para justificar um papel feminino, está diferente e muito mais interessante que em certos celuloides onde procuram tirar partido apenas de sua beleza fisica. Carlitos fez com ela justamente o contrario; aproveitou-se, unica e exclusivamente, como artista. Seus predicados de beleza foram esquecidos totalmente.

Não deixem de assistir "O Grande Ditador". Como satira, é a melhor coisa que temos assistido nestes ultimos anos. Chaplin continúa confirmando, sobejamente, suas qualidades de cineasta. Ainda é um grande nome e um grande realizador.

INFORMAÇÃO: — "O Grande Ditador", da United Artists. A estreiar-se nos cinemas S. Luiz, Carioca, Capitolio e Vitoria (cuja inauguração dar-se-á com essa película). Titulo original: "The Great Dictator". Com Charlie Chaplin, Jack Oakie, Reginald Gardiner, Billy Gilbert, Paulette Goddard e Maurice Moscovitch.

As Cotações

INVASÃO DE BARBAROS

(COLUMBIA)

4

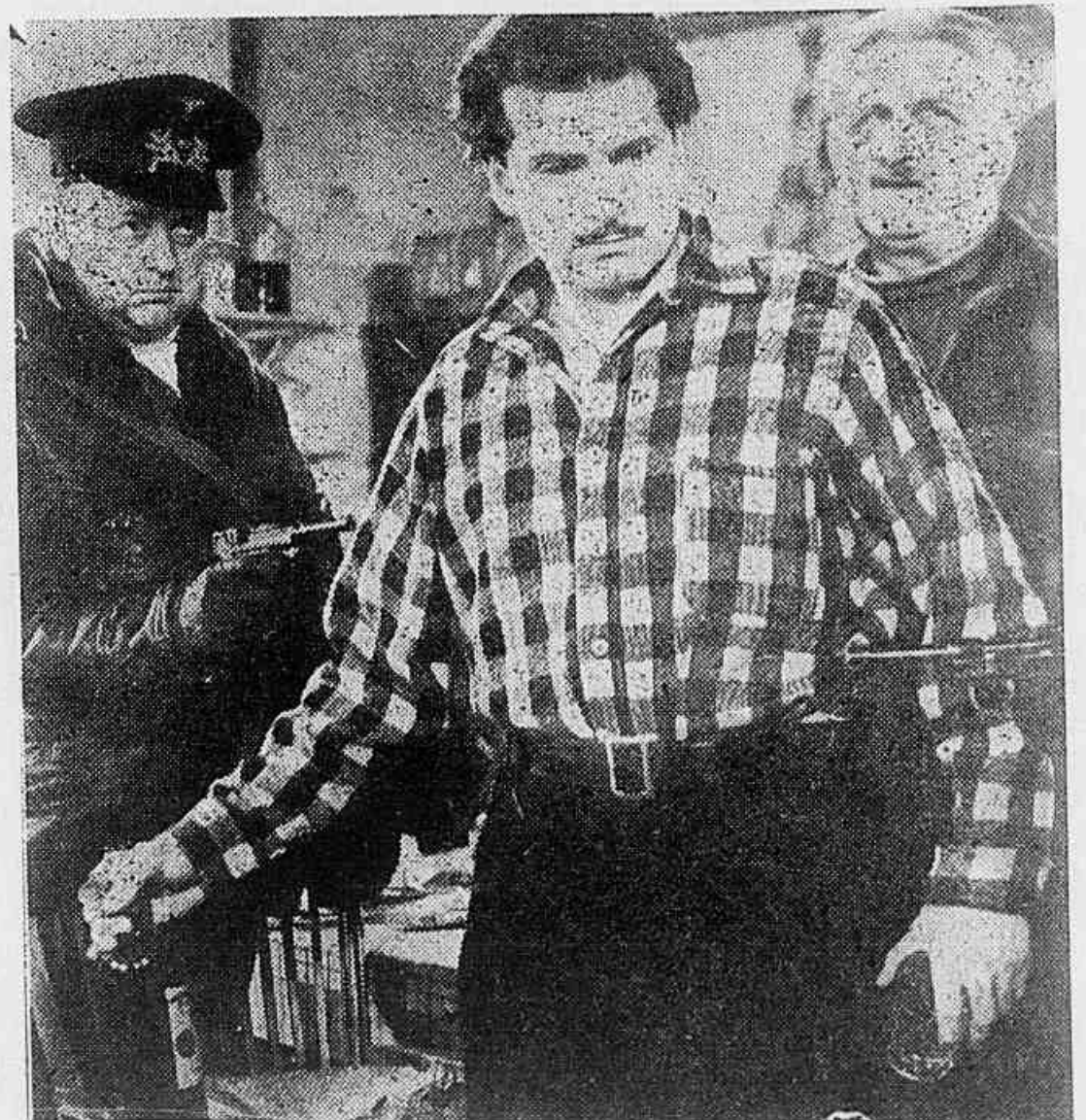
O cinema inglês pouco produz. Mas suas produção têm um nivel de qualidade bastante elevado. Nestes ultimos anos, temos visto excelentes trabalhos dos estudios ingleses. Trabalhos como "Adeus, Mr. Chips", "A Cidadela", "Pigmalião" e, agora, "Invasão de Bárbaros". Este ultimo, é um documento de valor historico, pois discute e combate com fartos argumentos o problema que preocupa o mundo moderno: o hitlerismo. Serve como uma perfeita lição de democracia, de bom senso e humanidade. A arrogancia nasista se desmorona diante da humildade e sinceridade do povo canadense; a violencia é enfrentada com coragem pelos homens de paz; o ódio é combatido com o amor ao próximo.

Em resumo, esta película descreve a historia de cinco sobreviventes de um submarino alemão, afundado nas águas da baía de Hudson, que procuram atravessar o territorio canadense em busca da fronteira americana. E' bom frizar aqui que, nessa ocasião, os Estados Unidos ainda não tinham sido agredidos pelas potencias do Eixo. Portanto, na terra de Tio Sam os alemães encontrariam a salvação desejada. Em sua trajetoria, eles vão deixando um rastro de sangue, matando homens indefesos, assassinando sem motivo e destruindo tudo aos seus pés. A maior dificuldade para a policia canadense, na perseguição aos nazistas, era a imensidão do país e sua pequenissima população. Assim mesmo, á medida que avançam, os alemães vão diminuindo em numero. O ultimo dos sobreviventes, enfim, é aprisionado no momento exato em que pretende chegar aos Estados Unidos.

A historia está urdida com inteligencia, apresentando uma excelente realização cinematografica, com admiraveis vistas panoramicas do Canadá. Laurence Olivier, Anton Walbrook, Leslie Howard e Raymond Massey vivem episodios separados, ligados entre si apenas pela presença dos nazistas. Mas cada episodio tem o seu interesse e a sua emoção. O primeiro pertence a Laurence Olivier. Este ator faz um papel diferente de todos os outros em que nos veio anteriormente. Vive, com esplendor, um personagem franco-canadense que, com os argumentos mais singelos, põe por terra todos os mandamentos de Hitler. Anton Walbrook reaparece numa parte excelente, de grande valor artístico. Como Peter, um camponês alemão, fiel ao Canadá, impressiona. Leslie Howard reflete o inglês típico, amante da paz e da ordem. E' taxado de covarde pelos nazistas, mas demonstra mais coragem e arrojo, quando tem de enfrentar o perigo, do que toda a arrogancia forçada dos alemães fugitivos. Raymond Massey encerra o filme. Este ator, que se caracterizou em papeis antipáticos, em "Invasão de Bárbaros", nos breves instantes em que aparece, agrada em cheio.

"Invasão de Barbaros" é um filme que deve ser visto por todos. E' um documento impressionante contra o nazismo. E' perfeito no assunto, na interpretação e na realização.

INFORMAÇÃO: — "Invasão de Barbaros", da Columbia. Estreiado nos cinemas Plaza, Olinda, Astoria, Ritz e Parisiense. Titulo original: "Invaders". Com Laurence Olivier, Leslie Howard, Anton Walbrook, Raymond Massey e Glynnis Johns.



Laurence Olivier — um dos grandes interpretes de "Invasão de Bárbaros".

Da Semana

A GAROTA DOS MILHÕES

(WARNER BROS.)

2

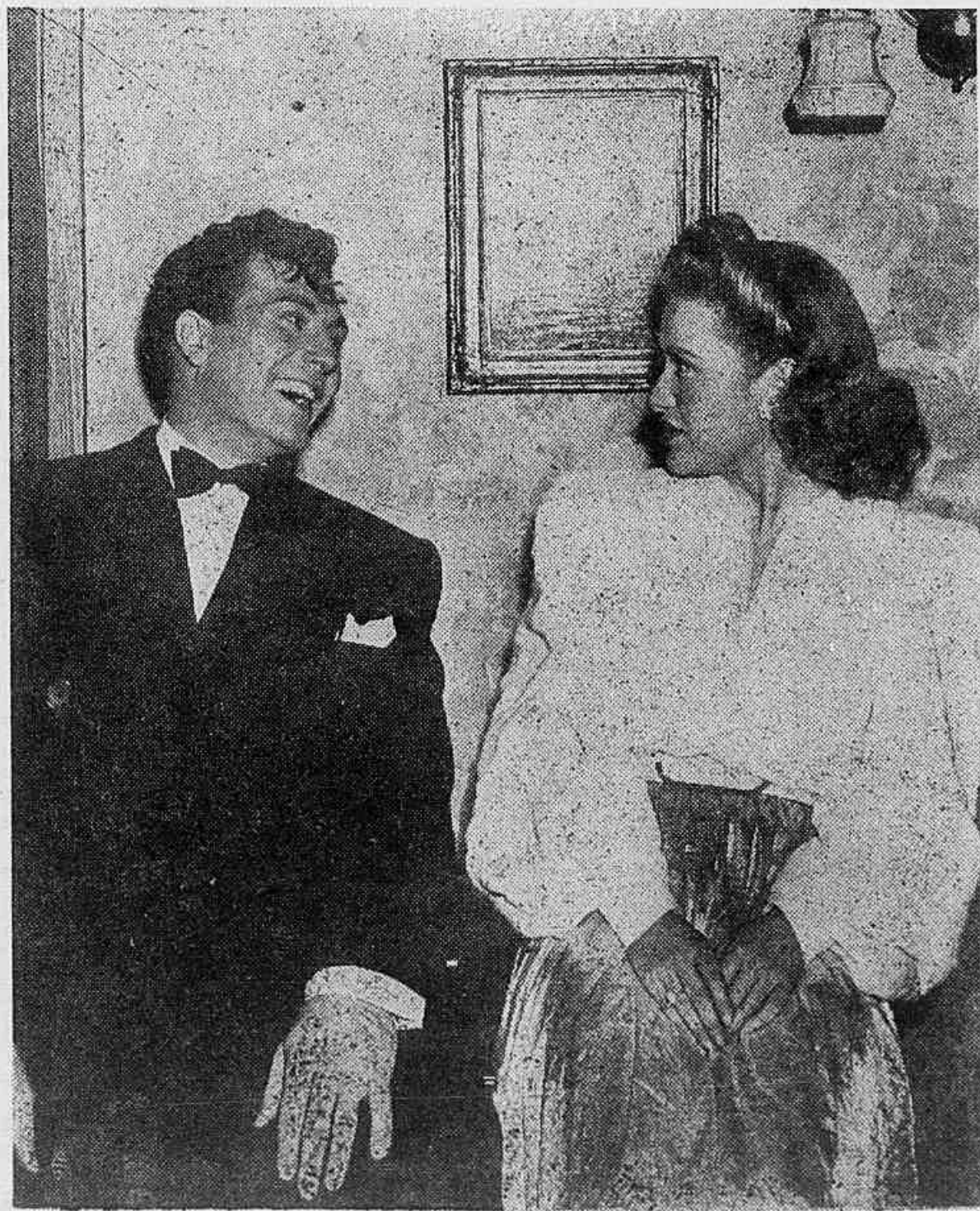
O assunto desta comédia não é, propriamente, muito novo. Já uma ou duas vezes tivemos oportunidade de apreciar histórias semelhantes que, embora imaginadas de maneiras diferentes, são feitas com um único e exclusivo fim: provar que o dinheiro, na maioria das vezes, não traz felicidade ao seu dono.

"A Garota dos Milhões, sem dúvida alguma, foi a melhor do gênero, até agora. Conta, em linhas gerais, as peripécias de uma jovem vendedora numa importante loja de Nova York que recebe, de uma velhota, a quantia de um milhão de dólares. A doação do dinheiro é explicada por uma questão de remorso. A velhota, querendo reparar o erro cometido por seu pai com o avô da jovem vendedora, não vacila em se desfazer dessa enorme soma. As coisas, contudo, não correm bem para a nova milionária; o noivo a abandona, o governo anda atrás dos impostos e a alta sociedade a aborrece. No desfecho da história, compreende que o dinheiro não a fez feliz e se desfaz do mesmo, jogando-o pelas ruas, distribuindo-o entre os amigos.

Priscilla Lane vive, com rara felicidade, a jovem Pamela Mac Allister, dando um realce todo especial ao seu papel. Está simpática, bonita e bastante sedutora. Além disso, imprime um certo dinamismo ao celuloide. Ronald Reagan — que tem subido de cotação ultimamente — está á vontade na pele do boêmio Peter Rowan. Quanto a Jeffrey Lynn, desfaz-se de seu papel com acerto. Ele é o advogado James Amory, que se enamora de Priscilla mas que não chega a conquistar seu coração. O "pivot", entretanto, de "A Garota dos Milhões", o ponto de maior interesse, é a presença de May Robson — a curiosa Cornelia Wheelwright. Essa veterana atriz, apesar de estandardizada em tipos de solteironas exquisitas, mas bondosas, ainda assim convence e agrada. No elenco dessa película da Warner temos, ainda, Lee Patrick, Helen Westley e George Barbier. Todos num mesmo plano, sem destaque maior. A direção não apresenta grandes lances, conservando-se num nível mais ou menos uniforme. Poderia ter aproveitado melhor certas passagens, deixando de lado outras sem grande interesse.

Assim mesmo, "A Garota dos Milhões" é uma película que diverte bastante. Serve como um esplendido passatempo.

INFORMAÇÃO: — "A garota dos Milhões", da Warner Brothers. Estreitado no Odeon. Título original: "Million Dollar Baby". Com Priscilla Lane, Jeffrey Lynn, Ronald Reagan, May Robson, Lee Patrick, Helen Westley, George Barbier.



Jeffrey Lynn e Priscilla Lane são dois interessantes elementos de "A Pequena dos Milhões".

Biografias sintéticas

A partir desta edição, ofereceremos aos nossos leitores uma série de biografias sintéticas, dos nomes mais representativos da arte cinematográfica.

AHERNE, BRIAN — Nome verdadeiro: Brian deLacy Aherne. Nasceu em: Worcestershire, Inglaterra. Data: 2 de Maio de 1902. Altura: 1m,85. Olhos: Azues. Filmes mais importantes: "O Grande Garrick", "Meu Filho, Meu Filho!", "Com Qual dos Dois?"

ALBERT, EDDIE — Nome verdadeiro: Edward Heimberger. Nasceu em: Rock Island, Illinois. Data: 22 de Abril de 1908. Altura: 1m,77. Olhos: azues. Filmes mais importantes: "Brother Rat and a Baby", "Quatro Esposas", "Quatro Mães".

ALDRIDGE, KATHERINE — Nome verdadeiro: Katherine Aldridge. Nasceu em: Virginia. Data: 8 de Julho. Altura: 1m,65. Olhos: castanhos. Filmes mais importantes: "Shooting High", "The Girl in 313", "Free, Blonde and Twenty One", "Down Argentine Way".

ALLEN, GRACIE — Nome verdadeiro: Grace Allen. Nasceu em: San Francisco, California. Data: 26 de Julho de 1902. Altura: 1,52m. Olhos: Castanhos. Cabelos: pretos. Filmes mais importantes: "Mr. and Mrs. North", "Gracie Allen Murder Case", "College Swing", "Honolulu".

AMECHE, DON — Nome verdadeiro: Dominick Felix Amici. Nasceu em: Kenosha, Wisconsin. Data: 31 de Maio de 1910. Altura: 1m,80. Olhos: Pardos. Cabelos: castanhos. Filmes mais importantes: "Alexander Graham Bell", "Confirme ou Desminta", "Uma Noite no Rio", "Serenata Tropical", "No Velho Chicago", "Epopéia do Jazz".

ANNABELLA — Nome verdadeiro: Suzanne Charpentier. Nasceu em: Paris, França. Data: 14 de Julho de 1912. Altura: 1m,60. Olhos: Azues. Cabelos: louros. Filmes mais importantes: "Hotel do Norte", "A Baroneza e o Mordomo", "A Batalha", "Suez".

ARLEN, RICHARD — Nome verdadeiro: Richard S. Van Mattimore. Nasceu em: Charlottesville, Virginia. Data: 1.º de Setembro de 1900. Altura: 1m,77. Olhos: azues. Cabelos: pardos. Filmes: "Legion of Lost Flyers", "Man from Montreal", "Mutiny on the Blackhawk", "Tropic Fury", "Danger on Wheels", "Missing Daughters".

ARNOLD, EDWARD — Nome verdadeiro: Guenther Schneider. Nasceu em: Nova York, N. Y. Data: 18 de Fevereiro de 1890. Olhos: pardos. Cabelos: pardos. Altura: 1m,77. Filmes: "Do Mundo Nada se Leva", "Trovador da Liberdade", "Este Mundo Louco", "A Mulher Faz o Homem", "Lillian Russell", "Diamond Jim Brady", "Man about Town", "Earl of Chicago", "The Crowd Roars", "Adoravel Vagabundo".

ARTHUR, JEAN — Nome verdadeiro: Gladys Greene. Nasceu em: 17 de Outubro de 1908. Altura: 1m,57. Olhos: azues. Cabelos: castanhos. Filmes: "Do Mundo Nada se Leva", "Arizona", "Only Angels Have Wings", "A Mulher Faz o Homem", "Too Many Husbands".

ASTAIRE, FRED — Nome verdadeiro: Frederick Austerlitz. Nasceu em: Omaha, Nebraska. Data: 26 de Novembro de 1900. Altura: 1m,78. Olhos: Castanhos. Cabelos: castanhos. Filmes: "Voando para o Rio", "Alegre Divorciada", "Carefree", "Story of Vernon and Irene Castle", "Ao Compasso do Amor".

ASTOR, MARY — Nome verdadeiro: Lucille Langhanke. Nasceu em: Quincy, Illinois. Data: 3 de Maio de 1906. Altura: 1m,62. Olhos: castanhos. Cabelos: queimados. Filmes: "The Maltese Falcon", "A Grande Mentira", "Mulher contra Mulher", "O Furacão".

ATWILL, LIONEL — Nome verdadeiro: Lionel Atwill. Nasceu em: Croydon, Inglaterra. Data: 1.º de Março de 1885. Altura: 1m,70. Olhos: pardos. Cabelos: castanhos. Filmes: "O Monstro Elétrico", "O Caso Fatídico do dr. Rx", "A Volta do Homem Invisível".

AUER, MISCHA — Nome verdadeiro: Mischa Ounskowski. Nasceu em: Leningrado, Rússia. Data: 17 de Novembro de 1905. Altura: 1m,85. Olhos: castanhos. Cabelos: castanhos. Filmes: "Do Mundo nada se leva", "Sensação de Paris", "East Side of Heaven", "Service de Luxe", "Little Tough Guys in Society", "Unexpected Father", "Destry Rides Again", "Parada da Primavera", "Pandemonio", "Twin Beds".

1 - REGULAR

2 - BOM

3 - MUITO BOM 4 - OTIMO

JAZZ NO CINEMA E NO RADIO -- Por BOB HILL

RESULTADO DO CONCURSO "CONTRASTES HUMANOS"

Um sucesso bellissimo foi o registado pelo Concurso "CONTRASTES HUMANOS", apresentado por "Jazz no Cinema e no Radio", sob o patrocínio de A CENA MUDA e em combinação com a Paramount Films. Centenas e centenas de respostas foram recebidas até o dia 4 do corrente, data em que se encerrou este interessante certame. A pergunta foi a seguinte:

— Qual foi o fox que Veronica Lake cantou em "A REVOADA DAS AGUIAS"? Para facilitar, mencionamos cinco foxes: "That's For Me", do filme "MELODIA ROUBADA"; "Dolores", do musical "NOITES DE RUMBA"; "Castles in Air", do desenho animado de longa metragem "NO MUNDO DA CAROCHINHA"; "My Melancholy Baby", cantado por Bing Crosby em "SINFONIA BARBARA"; e finalmente "Born to Love", uma sensação apresentada por certa loura "estrela" em certo filme de aviação...

Portanto, a resposta certa é esta: a deliciosa "estrela" de "ALMA TORTURADA" e "CONTRASTES HUMANOS" cantou, em seu primeiro filme, "REVOADA DAS AGUIAS", a canção "Born to Love", de Victor Young.

Foram numerosos os concorrentes que acertaram. Diante do interesse despertado pelo concurso "CONTRASTES HUMANOS", a Paramount decidiu oferecer mais três premios. Assim, o concorrente colocado em primeiro lugar receberá doze fotografias autografadas de "astros" e "estrelas" da Paramount. Os três concorrentes sorteados a seguir receberão um retrato de Veronica Lake, a encantadora creaturinha que tornará a fascinar-nos em "ALMA TORTURADA", um filme intenso e emocionante.

Eis o resultado do sorteio: 1.º premio: Lucia Santos, residente á rua Filgueiras Lima, 108, Rio. 2.º lugar — 3 premios — Ana Maria, residente á rua Eduardo Guinle, 48, Rio; Thyers Klepper Leite, residente á rua Marechal Deodoro, 179, casa 13, Niteroi; Rosarina Maria M. Pereira, residente á rua Toneleiros, 38, Rio.

Os concorrentes premiados devem dirigir-se ao Departamento de Publicidade da Paramount Filmes, afim de receber as fotografias que lhes cabem. O endereço é este: Avenida Rio Branco, 247.

A MUSICA DO LEITOR

Para esta semana, reservei três letras que me foram mais solicitadas por cartas.

São elas: "Intermezzo", "My sister and I" e "Noite de Amor". Vejamos a primeira, que é o inesquecível "INTERMEZZO".

Like the dreams, you dream tonight
That fades from sight when darkness disappears...
Maybe you will vanish too,
The moment when tomorrow dawn appears...
So, my love, while stars above in heaven's blue
Are softly beaming gleaming,
I'll dream of you and I'll live in the glory of your love...
When I see the shadows falling
On a purple evening
Then is when I hear you calling across the lonely years...
Oh! how long I still remember
When another summer evening
On that started out in splendor ended in tears...

Like the dreams, you dream tonight
That fades from sight when darkness disappears etc... até
I'll live in the glory of your love...

Esta segunda é do notavel "blue" "MY SISTER AND I", cantado pela lady-crooner" de Benny Goodman, Helen Forrest.

My sister and I remember still
A tulip garden by an old dutch mill
And the house that was all our all own until
But we don't talk about that...
My sister and I recall once more
The fishing schooners pulling into shore
And the dog cart we drove in day before,
But we don't talk about that...
We're learning to forget the fear
That came from a trouble sky
We're almost happy over here
But sometimes we wake at night and cry.
My sister and I recall the day
We said good-bye and then we sailed away
And we think our friends who had to stay
But we don't talk about that...

E finalmente "NOITE DE AMOR", ou "Concerto em Si bemól" de Tchaikowsky.

Tonight we love
While is the moon
Beams down in love
Like tonight
We touch the stars
Love is us
Night winds that sight
Caress the sky
Tonight we love
In the glow
That gleams so softly
I know
This wasn't meant to barrow
But tomorrow will it be gone
For will it always live on
Tonight, we love.

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: 35000.



"A CENA MUDA" E O 30.º ANIVERSARIO DA PARAMOUNT

EM Setembro proximo, a Paramount Pictures, a mais antiga companhia produtora de filmes dos EE. UU., verá transcorrer o 30.º aniversario de sua fundação. Essa é, sem duvida, uma data de festa para toda a cinematografia, e não apenas para a "marca das estrelas", de tal maneira a arte-industria de filmes soube se impor nestas três decadas de seu amplo e fabuloso desenvolvimento.

Associando-se ás comemorações que em toda parte vão

efetuar-se, "A CENA MUDA" — por sua vez a primeira e unica revista cinematografica do país — patrocinará uma expressiva homenagem dos nossos cinematografistas — exibidores, importadores, produtores, etc., — traduzida num jantar que se realizará dia 1.º de Setembro, no Casino da Urca.

Em nosso proximo numero divulgaremos maiores detalhes a respeito.

Cesar voltará ao cinema?

(Continuação da pag. 9)

— ...ficarei por aqui mesmo, com as minhas preleções ao microfone e as minhas viagens periodicas, sempre que posso tomar férias!

— Pensando em voltar a Hollywood?

Cesar faz uma ligeira pausa. E depois:

— Talvez, por que não? Terei satisfação em rever a cidade do cinema, porque tudo evolue e sendo assim, a Hollywood de agora deve ser diferente da que eu conheci, anos atrás... Mas como não é possível viajar tanto quanto seria de minha vontade, prefiro aproveitar as férias visitando outros lugares onde meus olhos vão repousar em panoramas ineditos.

— Quer dizer que em relação ao cinema...

— ...continuo sendo um assiduo frequentador dos bons filmes e até, incautamente, dos que não o sejam! E quando se lembrarem de mim para um bom tipo caracteristico, já sabe! Comparecerei na certa...

Disse e voltou para o microfone.



PRATOS QUE agradam A TODOS

Sopas, pudins e demais pratos ficam mais nutritivos e saborosos si preparados com MAIZENA DURYEA. Peça, gratis, um exemplar do "Meu Livro de Receitas" e prepare pratos deliciosos.

À MAIZENA BRASIL S. A. 32 85
CAIXA POSTAL, F - S. PAULO

Peço enviar-me, gratis, o "Meu Livro de Receitas"

Nome
Rua
Cidade Estado

MAIZENA DURYEA

SABOTADOR

"SABOTEUR"

+



Cine Romance

FILME DA UNIVERSAL, DIRIGIDO POR ALFRED HITCHCOCK.
CINE-DRAMA DE PETER VIETTEL, JOAN HARRISON E DOROTHY
PARKER. TRADUÇÃO DE VICTOR JOSÉ LIMA

ELENCO

Patricia Martin	PRISCILLA LANE
Barry Kane	ROBERT CUMMINGS
Fry	NORMAN LLOYD
Tobin	OTTO KRUGER
Philip Martin	VAUGHAN GLASER
Mrs. Van Sutton	ALMA KRUGER
Motorista do caminhão	MURRAY ALPER
Mrs. Mason	ANN SHOEMAKER
Mrs. Moore	MARGARET MOFFAT

O carro da policia diminuiu a marcha quando começou a atravessar a estreita e altissima ponte. A' frente, um caminhão bloqueava o caminho. O detetive que dirigia tinha toda a atenção voltada para a estrada e o outro, que se encontrava sentado no banco trazeiro, tirou do bolso um cigarro que o seu prisioneiro pedira. Nesse mesmo instante, Barry Kane levantou suas mãos e atirou-as contra o queixo do policial, servindo-se das algemas de aço para tornar o choque mais eficiente.

Quando o homem caiu para o lado, Barry abriu a porta do automovel, saltou para a ponte e, num gesto desesperado, atirou-se na correnteza do rio, que passava em baixo. Atrás dele, ouviu o estouro inutil de um tiro. Depois, sentiu a agua fria fechar-se sobre sua cabeça. Agarrando-se ás pedras, com dificuldade, pois as algemas impediam os movimentos livres de suas mãos, procurou voltar á superfície. Tomou respiração e tornou a mergulhar, dirigindo-se para uma das margens do rio. Escondeu-se junto a uma pequena moita e viu que os dois detetives procuravam distingui-lo em meio da correnteza. Minutos depois, os policiais entraram novamente no carro e partiram. Barry aproveitou aquele momento para sair da agua fria e subir para uma das margens. Assim que viu o caminho livre, começou a correr.

Durante muito tempo correu pelo terreno montanhoso e cheio de bosques, até que a sua respiração se tornou ofegante e a sede começou a queimar sua garganta. Não havia sinais de qualquer perseguição por parte da policia; por isso, resolveu moderar seus passos, mas sempre caminhando em direção norte.

E a explicação disso era simples. Era justamente no norte que se encontrava Soda City. E Soda City era onde ele teria



Barry e Pat estavam cercados pelos sabotadores.
Era quase impossível fugir!

de encontrar o homem com feições de ave de rapina, chamado Frank Fry, que realizara o trabalho de sabotagem na fabrica de aviões Stewart, em Glendale, incendiando-a, e que passara a Barry Kane um extintor cheio de gasolina que ele, por seu turno, entregara ao seu melhor amigo, Ken Mason. Ken tivera a infelicidade de usar o aparelho... e morrer.

A fisionomia de Barry estava transformada por visíveis sinais de preocupação. A policia estava á sua procura por esse crime. E Barry, por sua vez, queria pegar Frank Fry. Os investigadores acreditavam que ele incendiara a fabrica e matara Ken. Ele poderia provar-lhes, a tempo, sua inocencia. Mas nessa ocasião, naturalmente, Fry já estaria muito longe. E outras fabricas poderiam ser destruidas, outras grandes industrias danificadas, outros homens assassinados, por Fry e seus sequazes. Por isso, Barry Kane não estava disposto a esperar que a policia se convencesse de sua inocencia; ia tentar chegar a Soda City, o mais breve possivel.

Sim, ia tentar...

O sol já se estava escondendo no horizonte, encoberto pelas nuvens que prenunciavam tempestade, e Barry começava a sentir os primeiros sinais de cansaço. At' onde chegara, não sabia. Estava apenas certo de que não poderia ir muito mais longe sem descansar um pouco. No momento, Barry saíra dos bosques e caminhava numa estrada, seguindo sempre em direção norte. Estava certo, agora, que a policia não poderia encontrá-lo. A estrada atravessava uma região montanhosa, repleta de enormes arvores. Os primeiros trovões ecoavam pelo espaço, avisando o inicio do temporal.

A chuva começou a cair numa torrente cada vez mais forte; a esperança começava a abandonar Barry, quando ele distinguíu uma pequena cabana alguns metros afastada da estrada, numa clareira. Ele se voltou, subitamente alertado, e correu em busca daquele abrigo. Se os seus ocupantes nada tivessem ouvido a seu respeito, ou mesmo sobre sua fuga, por intermedio do radio, talvez ele conseguisse auxilio. Era necessario correr a aquele risco.

Quando se aproximou, um cão, dentro da cabana, começou a ladrar furiosamente. Abriu-se a porta. Um homem alto, grisalho, surgiu no umbral, olhando firmemente para a frente.

— Alô! Quem está aí? — perguntou ele.

Barry enrijeceu-se, arreou as mangas do casaco para encobrir as algemas que prendiam seus punhos juntos, e respondeu:

— Fui surpreendido pela tempestade. Estou todo molhado.

— Pois então entre e venha secar suas roupas, — convidou o desconhecido, sem notar, aparentemente, as algemas de Barry, quando o fugitivo entrou numa enorme e confortável sala, repleta de livros, ornada com um reluzente piano e uma lareira, onde o fogo crepitava emanando um calor agradável.

— Sente-se junto ao fogo, — falou o homem grisalho, amavelmente. — Chamo-me Philip Martin. Sou compositor e me encontro recluso nestes bosques, coisa que aliás muito me agrada. Ocasionalmente, também aprecio visitantes, o que não se vê aqui muito frequentemente. Foi por isso que o cachorro, Ranger, tanto se alegrou.

— Eu... eu sou Barry... Barry Moore, — disse Barry, apresentando-se.

— Estimo muito em conhecê-lo, Mr. Moore, — retrucou Martin. — Seria bom se o senhor jogasse alguns toros de lenha na lareira, já que se encontra ao lado do fogo. As chamas não estão aquecendo muito.

Barry voltou-se, de modo que suas algemas pudessem ficar ocultas, apanhou um enorme tóro e, sem conseguir movimentos livres com as mãos, deixou-o cair.

— A lenha é mesmo pesada — considerou Philip Martin, sorridente. — Muitas vezes eu mesmo a deixo cair.

Barry fez mais um esforço — este coroado de pleno exito, e lançou a lenha na lareira. As algemas tiniram, inoportunamente. Tentou escondê-las mais uma vez debaixo das mangas do casaco, mas percebeu que era tarde demais. Martin estava olhando fixamente para a frente, em sua direção. Com toda a certeza descobrira as argolas de aço, que prendiam seus punhos.

Por um momento, esperou que Philip dissesse alguma coisa. Mas dos labios do homem grisalho não saiu nem uma palavra. Foi então que Barry estudou, mais demoradamente, o rosto daquele personagem extranho. Percebeu, num relance, o olhar parado e morto de Mr. Martin. Reteve a respiração e moveu as mãos, para cima e para baixo, afim de ver se provocava qualquer comentario por parte dele. Martin continuou a falar sobre coisas totalmente diferentes, como se de nada desconfiasse. Barry soltou, enfim, a respiração e compreendeu. Philip Martin era cego!

Barry poderia descansar, agora. Poderia dormir um pouco, secar as roupas e talvez, quem sabe, comer alguma coisa. Como se tivesse lido seu pensamento, Martin, movimentando-se com um conhecimento absoluto dos minimos detalhes de sua casa, trouxe da cozinha alguns pratos, pão e manteiga, carne assada e talheres.

— Você deve estar com fome, não é? — perguntou ele. — De qualquer modo, eu estou. Talvez você gostasse de me acompanhar nesta pequena refeição. Arranje uma cadeira e sente-se.

Nunca a comida se apresentara tão gostosa para Barry do que naquele momento. Comeu usando ambas as mãos, ligadas pelas algemas, e pouca atenção prestava ás palavras de Martin, que falava sobre musica, arte e sua vida solitaria, ali na floresta. Foi o ruido de um automovel parando em algum lugar que, percutindo fortemente no seu sub-conciente, trouxe-o novamente á realidade. De um salto, levantou-se.

Philip Martin enrugou os sobrecenhos e, depois, falou com a voz calma:

— Deve ser Pat, minha sobrinha. Conheço perfeitamente o barulho do motor do seu carro. Ela é de Nova York e costuma passar um mês aqui comigo, no verão. Ela foi hoje á cidade, afim de providenciar a sua volta a Nova York amanhã, de avião. Seu nome é Patricia. . . Patricia Martin. Trabalha como modelo e suas fotografias adornam as capas de inumeras revistas e muitos cartazes, por todo o país, segundo me disseram.

Barry sentou-se lentamente, com o coração pu sando Martin poderia ser cego. Mas sua sobrinha não o seria. Poderia ele conservar as mãos escondidas dos olhares da jovem, o tempo bastante para conseguir escapar a salvo?

Seus pensamentos foram interrompidos, quando a porta se abriu e uma jovem, alta, encantadora e de cabelos alourados, se introduziu na sala sacudindo a agua de seu casaco. Ao ver Barry, parou, indecisa.

— Tenho um visitante, querida, — disse Philip Martin, amavelmente. — Mr. Moore, apresento-lhe minha sobrinha, Miss Patricia Martin.

— Como passou? — cumprimentou a jovem, olhando interrogativamente para Barry.

Barry respondeu nervosamente, continuando sentado, afim de conseguir ocultar as mãos debaixo da mesa.

Patricia voltou-se para o seu tio.

— Tio Philip, — disse ela, apressadamente. — Um carro, cheio de detetives, me fez parar ainda agora mesmo, quando vinha da cidade. Estão procurando por um prisioneiro que fugiu — um perigoso individuo que se diz ter sabotado uma fabrica e assassinado um homem.

Enquanto falava, Pat reti ou as luvas. Uma delas caiu ao chão e, num gesto instintivo para apanhá-la, ela teve oportunidade de olhar debaixo da mesa. Barry compreendeu o seu perigo. Pat Martin vira as algemas, pois seu olhar assustado assim o demonstrava.

Philip Martin dirigiu seus olhos mortos para sua sobrinha.

— O que há, minha querida? — interrogou ele. — Você acabou de notar que o nosso visitante tem os pulsos ligados por uma algema?

— Titio! — exclamou Pat. — O senhor devia ter chamado a policia!

— Está com medo dele, Pat? — inquiriu Philip Martin.

— E' isso que a torna tão cruel?

— Mas é necessario entregá-lo ás autoridades! — protestou a jovem, enquanto Barry olhava para o cego, admirado. — Ele é perigoso!

— Mr. Moore pode ser muitas coisas, — sorriu Philip Martin, — mas estou certo de que não é perigoso. E posso dizer mais: não acredito que ele seja culpado. Sou bom conhecedor das pessoas, Pat. Meus sentidos teem sido aguçados pela minha enfermidade. Diga-me, Mr. Moore, o senhor já foi a julgamento?

— Não, senhor, — respondeu Barry, com a voz lenta. — Nem fui mesmo levado aos tribunais.

— Está vendo, Pat? Portanto, é seu dever considerá-lo inocente até que sua culpa tenha sido provada.

— Mas o que o senhor vai fazer, então? — indagou Pat. — Ele está sendo procurado pelo incendio de uma fabrica, pela morte de um homem, pelo assalto a um detetive e, ainda, por sua fuga quando estava sob custodia.

— Antes de tomarmos qualquer decisão, minha querida, — sugeriu o compositor cego, — devemos ouvir como Mr. Moore conta sua historia. Isto é, se ele nos quiser contar.

Barry Kane enguliu em seco. A jovem olhava-o com suspeita. Mas isso não queria dizer nada. Se Martin acreditava na sua inocencia, talvez pudesse ajudá-lo. . .

Lentamente, Barry sentou-se numa cadeira, com as pernas enfraquecidas pela fome, fadiga e, agora, por uma subita esperança.

— Eu gostaria de contar-lhes, — disse ele bruscamente, com a voz firme. — Eu gostaria de desabafar a minha historia a alguem. Meu verdadeiro nome é Barry Kane e estou tentando caçar o rato criminoso que sabotou a fabrica onde eu trabalhava e matou meu melhor amigo!

Seus musculos se enrijeceram. Suas mãos se apertaram tão fortemente que as suas juntas ficaram brancas. Quando recuperou o controle de sua voz, continuou. Contou-lhes tudo. Desde o principio. Contou-lhes como aparecera Frank Fry, duas noites atrás, quando ele e Ken Masson saiam para uma rapida refeição, na hora da mudança de vigias da fabrica. Relatou-lhes como ele e seu companheiro tinham expulsado Frank Fry que, na ocasião, sem notar, deixara cair um envelope com um endereço: "Frank Fry, Blue Valley Ranch, Springville, California." Disse, ainda, como ele e Ken tinham visto, quando voltavam, um deposito em chamas e como Fry, que aparecera de subito, lhe entregara um extintor de incendio. Fora naquele momento que Ken tomara de suas as mãos o extintor — cheio apenas de gasolina, sem que ninguém soubesse — e morrera na explosão.

Barry continuou a descrever sua situação, com todos os detalhes. Passou á parte final. A policia não acreditava em suas palavras, porque não encontrara na folha de pagamento da fabrica qualquer pessoa com o nome de Frank Fry. Passaram a desconfiar dele. Barry aproveitara o momento para fugir e partir para Springville. Nessa cidade, veio a descobrir que o rancho Blue Valley pertencia a um homem chamado Austin Tobin, que nunca ouvira falar em Frank Fry.

Barry passou a descrever Tobin, com a voz aspera. Esse individuo era uma pessoa de meia-idade, de poses estudadas, seguro de si mesmo e rico, que vivia num rancho palacial. . . mas, apesar de tudo, planejando trair o seu país. E disso Barry estava certo, porque conseguira ver, por acaso, um telegrama de Tobin, que dizia: "Vou para o norte, afim de encontrar-me com Neilson em Soda City. (Assinado) Fry."



A violência do temporal diminuiu, quando Barry e Pat divisaram, do alto da colina, Soda City!

Tobin, contudo, surpreendera-o lendo o telegrama. Por isso, telefonou á policia, entregando-o ás autoridades como o sabotador da fabrica de aviões Stewart. Barry ainda tentara fugir, mas vira seus propositos fracassados. Os detetives chegaram e voltaram com ele para Glendale, sem atender aos seus apelos afim de que prendessem Tobin como o verdadeiro culpado. Contudo, durante a viagem, conseguira escapar. Caminhando para o norte, conseguira chegar afinal até ali. E agora. . .

Barry interrompeu sua descrição, respirou profundamente e permaneceu silencioso.

Foi Pat quem falou primeiro.

— Não acredito em nada disso! — declarou ela. — Tio Philip, ele é um homem perigoso. Nunca vi historia melhor imaginada!

— Pat, você é ainda muito jovem, e os jovens são, muitas vezes, cruéis, — falou Philip Martin, calmamente. — Eu acredito na historia de Mr. Kane. E não vou entregá-lo á policia. Vou, ao contrario, entregá-lo aos seus cuidados. Leve-o a Tim, o ferreiro. Diga-lhe que eu o enviei. Tim retirará as algemas e não fará qualquer especie de pergunta. Depois, então, veremos o que se pode fazer.

— Mas, tio Philip! — exclamou Pat. — Não posso fazer isso!

— Claro que pode, — continuou o cego, — porque sou eu quem está pedindo. Estou certo que posso ver mais longe do que você. Posso ver coisas intangiveis. . . como a inocencia, por exemplo.

Pat ficou alguns segundos em silencio. Barry se levantou, com uma nova esperança borbulhando em suas veias.

— Mr. Martin, — disse ele, apressadamente. — Não. . . não posso agradecer-lhe agora. Mas poderei provar-lhe algum dia. . . de qualquer modo. . .

O compositor levantou sua mão, interrompendo-o.

— Vá agora, Mr. Barry. Minha sobrinha irá acompanhá-lo, — disse ele. — Ela tratará de tudo.

BARRY, contudo, devia ter desconfiado, desde o principio, que aquela jovem impetuosa e liberal não iria obedecer ás ordens de seu tio. Isso seria muita sorte, para ele. Nos primeiros momentos, Pat agiu normalmente. Mas a duvida e a suspeita ainda enrugavam o seu rosto adoravel. E assim que eles estiveram a sós no carro, ela começou a agir de modo totalmente diferente. Tentou levá-lo não ao ferreiro, mas ao posto policial mais proximo.

Barry compreendeu isso, imediatamente. E não esperou nem mais um minuto para agir. Mesmo com as mãos algemadas, tomou violentamente a direção das mãos de Pat, empurrou todo o peso do seu corpo contra ela e, com uma manobra feliz, levou o carro para uma estrada suplementar, completamente deserta. Travou o carro, puxou o acelerador de mão e deixou o motor do carro em movimento. Depois, correu para a frente do automovel e levantou a tampa do radiador. Intro-

duziu suas mãos algemadas no motor, apertou os lábios com os dentes e deixou que as hélices do ventilador batessem contra a corrente de ferro das algemas, numa última tentativa para ficar livre daquelas argolas e soltar as mãos. As hélices se quebraram, mas a pancada inicial foi bastante para arrebentar a corrente. Suas mãos começaram a sangrar com o choque violento, mas aquilo nada significava diante de suas algemas partidas! Ele ainda tinha as argolas de aço nos punhos, mas, pelo menos, estava com as mãos livres!

Nesse interim, Pat corraera para a estrada principal, disposta a parar o primeiro carro que passasse pelas redondezas. Barry tornou a descer a tampa do radiador, correu até onde estava Pat, agarrou-a brutalmente e trouxe-a de volta ao automóvel. Sentou-se à direção e colocou o carro em movimento, partindo em direção norte. Com dez milhas de viagem, em virtude de estar o ventilador partido, a água do radiador começou a ferver. Mais cinco milhas e o motor parou, por completo.

Barry saltou para a estrada, aborrecido, e Pat não teve outro remédio senão acompanhá-lo.

— O que aconteceu, agora? — indagou ela, procurando ocultar seu temor e sua apreensão. — O motor parou? Que vai fazer?

— Vou continuar viagem em busca de Soda City, — retrucou Barry, asperamente. — Lei mesmo a pé. Pode vir comigo se quiser. Se preferir ficar aqui, pouco me importo.

Sem mais palavras, iniciou a caminhada. Durante alguns momentos Pat hesitou, percorrendo o olhar pelas nuvens carregadas, as montanhas escarpadas e estremeceu ao sentir-se dentro daquela solidão, onde não se ouvia nem mesmo o piar de uma ave. O ambiente atemorizou-a. E não se demorou em decidir. Preferiu mesmo seguir Barry, apesar dos pesares.

* * *

ENFIM, Soda City! Mas aquele amontoado de cabanas em ruínas, colocado em meio de uma região deserta e lugubre, desprovido do menor sinal de vida seria mesmo Soda City?

Quanto a isso, não havia dúvida alguma. Pelo menos, a taboleta colocada à estrada, já bastante castigada pelo tempo, assim o indicava. Barry Kane estava preocupado, o mesmo acontecendo com Pat. Teria Barry fugido em pura perda? Teria feito toda aquela caminhada, arriscando sua vida... para encontrar um lugarejo daqueles?

— Então isso, — falou Pat, finalmente, — é Soda City... Onde vamos comer?

Barry permaneceu silencioso. Também começava a sentir fome. E cansaço. A última noite fora bastante agitada. Depois de terem abandonado o carro, tinham caminhado muitas e muitas milhas. Sobreviera uma ventania, que os obrigara a procurar um abrigo qualquer para não serem arrastados pela torrente de vento. Finalmente, depois disso, sorriram-lhes um pouco de sorte. Uma curiosa caravana passou por eles — uma dúzia de velhos carros e caminhões, transportando um pequeno circo. Um ônibus não muito elegante, que conduzia o integrante do circo e alguns apetrechos, ofereceu-lhes uma "carona". Viajaram durante toda a noite em companhia de uma mulher barbada, uma respeitável matrona pesando quase duzentos quilos, um esqueleto vivo, um anão, um hercules, um encantador de serpentes e muitas outras figuras curiosas. Gente estranha, sem dúvida, mas, antes de tudo, seres humanos. Seres que acreditaram em Barry e se simpatizaram com ele. Seres que, ao serem interpelados pela polícia, que ainda continuava em busca do fugitivo, esconderam-no em lugar seguro até passado o perigo.

E Pat já estava, de sua parte, meio convencida de sua inocência. Pelo menos, não o entregou às autoridades quando teve oportunidade de o fazer. Nas horas que passaram juntos, uma e pecie de compreensão e simpatia floresceu entre eles. Tinham planejado que comeriam em Soda City. Nessa ocasião, Barry



Pela primeira vez, Pat acreditava na inocência de Barry.

ainda tinha esperança de que poderia encontrar Fry, capturá-lo, levá-lo às autoridades e provar sua inocência ao mundo...

Mas, agora... Lá estavam eles e Pat diante de um amontoado de ruínas que poderia ter sido, há muitos anos, o simples projeto de uma cidade... Nenhum quartel general de qualquer quadrilha poderia localizar-se ali. Assim que pode observar melhor o local, a desconfiança e a dúvida começaram a crepitar no coração de Pat.

Barry, tomado de súbita decisão, varreu momentaneamente do cérebro as preocupações e disse:

— Vamos! Deve existir alguma coisa neste lugarzinho, ou então Fry não teria dito que vinha!

Sem hesitar, dirigiu-se para a mais próxima e maior das cabanas abandonadas. E ali encontrou, dentro de seus três quartos vazios e poeirentos, alguma coisa que fez o seu coração pulsar mais rápido — um telefone e um telescópio.

O telescópio estava montado diante de uma das janelas e, nele olhando, Barry viu algo de que já se esquecera completamente — a gigantesca represa do rio Soda, a várias milhas de distância, uma das maiores represas da Califórnia para irrigação e produção de energia, energia esta tão importante para o tremendo esforço de guerra da nação. O telefone, de certo, era para serviços de comunicações. Aquilo ali só podia ser um posto de observação, instalado com algum objetivo. E esse objetivo não poderia ser outro. A sabotagem caminhava a passos largos, sabotagem contra a poderosa represa, e isso, naturalmente, era o que trazia Fry até aquelas paragens.

Estas rápidas conclusões de Barry foram interrompidas por um ruído estranho. Abriu-se uma porta e passos se aproximavam, distintamente, vindos do quarto contíguo. Barry empurrou Pat para dentro do aposento vazio, ao mesmo tempo que dizia:

— Esconda-se! Alguém vem chegando! Procurarei arranjar-me da melhor maneira possível. Não faça barulho!

Um segundo depois da porta fechar-se atrás de Pat, dois homens apareceram na sala. Barry encarou-os, não deixando que seu rosto externasse qualquer sinal de receio. Um deles estava trajado com um grosso casaco de couro e botas compridas. O outro, alto, delgado e lascivo, usava um terno obviamente mandado fazer em algum alfaiate caro. Eles deviam ser membros da quadrilha da qual Fry e Tobin pertenciam — e seus olhos estavam injetados de sangue, ameaçadores.

— Já era tempo de vocês chegarem, — disse Barry, lentamente. — Já estava começando a pensar que nunca viriam.

Nos breves segundos que teve para pensar, Barry decidiu jogar uma cartada — fazer com que aqueles dois indivíduos acreditassem ser ele um de seus companheiros de "gang". Era a sua única salvação. A polícia estava à sua procura — e isso já era um argumento a seu favor. Aquela organização era, evidentemente, bastante grande, com inúmeras ramificações. Nem todos os membros poderiam conhecer-se entre si. Seu plano tinha boas perspectivas para vencer e, se tal acontecesse, isso significaria que ele estaria em posição de descobrir toda a verdade, encontrar os chefes e, depois, expor às autoridades toda aquela corja de traidores e sabotadores. Chegara até ali na esperança de encontrar o quartel-general... mas atingira somente um posto avançado. Portanto, deveria trabalhar para aproveitar aquela oportunidade...

Começou a falar, imediatamente. Pediu proteção contra a polícia e, insolentemente, criticou a eficiência da organização que o deixara em maus lençóis e percebeu, logo a seguir, que a suspeita desaparecia do rosto dos dois estranhos. Talvez porque estivessem de sua parte nervosos e impacientes, foi que eles se contentaram com a história de Barry. Nielson, o homem a quem Fry vinha ver, era o que estava com o casaco de couro e botas longas. Fry cancelara seus planos, e Freeman, o homenzinho que estava bem vestido e obviamente na chefia, decidira suspender o atentado de sabotagem contra a represa durante tempo indeterminado.

Ele se decidiu, deu a Nielson suas ordens para voltar ao trabalho e permanecer quieto, e se voltou para Barry.

— Pois bem, Kane, — disse ele, — nós lhe daremos proteção. Nós temos cuidado com nossos homens. Vou voltar imediatamente para Nova York. Há um "serviço" a ser feito em Brooklyn, e quero ter a certeza de que seja feito direito. Levarei um carro e dois choferes. Eles dirigirão em turnos, dia e noite, de modo que chegaremos lá mais depressa do que levaríamos num trem. Venha.

Ele se voltou e saiu pelo quarto em que se escondera Pat! Com o coração na boca, Barry seguiu-o — e se admirou, estupidamente, ao encontrar o quarto completamente vazio. Pat desaparecera!

* * *

NOVA York!

Barry Kane abriu seus olhos, incertamente, e todos os terríveis pesadelos que tinham estado dansando em seu cérebro se desfizeram. Nada mais havia do que uma pequena lampada elétrica iluminando-o, permitindo ver as paredes lisas de um quarto acanhado, uma porta fechada e colunas e mais colunas de latas de conserva. Isso era pior do que tudo. Estava estirado no chão do que parecia ser um pequeno depósito. E isso só podia significar uma coisa: ele era prisioneiro! Então, todos aqueles terríveis pesadelos eram nada mais do que a verdade.

Dolorosamente, levantou-se e experimentou a maçaneta da porta, encontrando-a fechada! Deixou-se novamente cair ao sólo e mergulhou a cabeça entre as suas mãos, tentando por em ordem seus pensamentos.

(Conclui no próximo número)



Mas enquanto continuam apagadas, em Paris, Michelle Morgan vai se deixando ficar em Hollywood. A Hollywood que melle. Morgan só aceitou depois daquela fuga tormentosa lá da França... Sim, é preciso esquecer. Distrair o espírito. Até onde se estenderá o pensamento furtivamente escapado desse olhar clismador? Até onde!

...Elas voltarão a brilhar!



DELIO SA'

COMPANHIA *de* CIGARROS
SOUZA CRUZ

